

COLABORADORES



Uma realização

RelevO

NINGUÉM SABE EXATAMENTE O QUE ACONTECE NA BRAINS

“MAS APARENTEMENTE TEM GENTE TRABALHANDO LÁ”

Há quem diga que é coworking.

Há quem diga que é escritório compartilhado.

Há quem diga que é o lugar onde você vai tomar um café e acaba ficando três horas conversando.

A verdade é que a Brains é um espaço criado para aproximar pessoas, empresas e ideias.

Com ambientes para trabalhar, reunir, criar e fazer acontecer, a Brains transforma o espaço de trabalho em algo que vai além da mesa e da cadeira

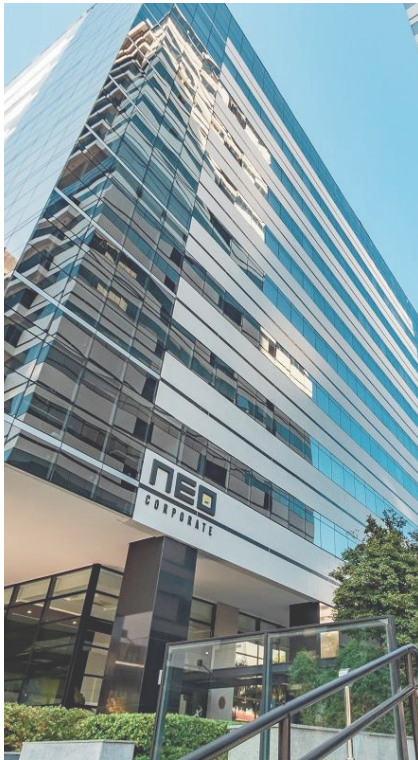
E, sim, eventualmente alguém trabalha.

Relato real de alguém que trabalha aqui:

“Vim pra uma reunião de 1 hora

Fiquei o dia todo.
Volto amanhã”.

-anônimo



O QUE ENCONTRARAM POR AQUI:

- ✓ Salas privadas
- ✓ Estações de trabalho
- ✓ Salas de reunião
- ✓ Eventos e networking
- ✓ Café bom (Muito importante)
- ✓ Internet rápida
- ✓ Gente interessante
- ✓ E aquela energia que não se explica (só sentindo)

Trabalhe do seu jeito.

contato@brainscoworking.com.br

ALGUNS COMENTÁRIOS QUE A GENTE OUVI POR AÍ:

“Ambiente que inspira”.

“Aqui as ideias fluem”.

“Melhor café do meu expediente”.

**VÁ CONHECER
(E TIRE SUAS
PRÓPRIAS
CONCLUSÕES).**

“Um lugar que mistura
profissionalismo e leveza
na medida certa”.

“Mais que estrutura
conexão de verdade”.

“Brains não é só um
espaço. É um ecossistema”.



Setembro de 2026
número 1 // ano 17
ISSN 2525-2704

Periódico literário
independente feito em
Curitiba-PR desde
setembro de 2010



DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA

4% Assinaturas de Fernandas, Fernandos e Fernandes



ASSINATURAS R\$ 8.346

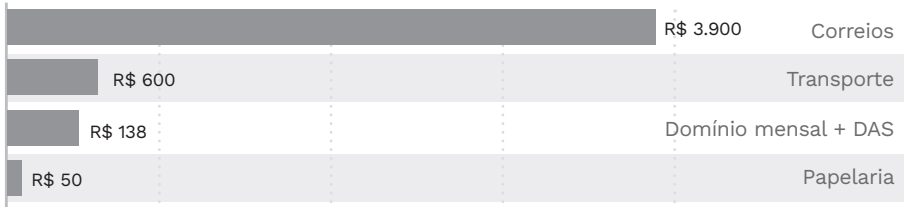
R\$ 20 Vitor Kataoka; R\$ 80 Thaís Cunha; Fernanda Frantz; Claudio Boczon; Ícaro de Castro Cardoso; Fernanda Lima; Ana Priscila; Kaiana Hübler Mosko; Deborah Trois; Leandro Ghilardi; Diogo Azoubel; Alessandro Bartel Garcia; Marina Martins Paiva de Vasconcelos; Cristiane Cerdera; Janaine Camargo Ribas; Luiza Rosiete Gondin Cavalcante; Maximilian Rox; Jonas Faccin; Davi Etelvino; Juliana Meira; Amanda Ferlin; Daniel Serrano; Lucio Carvalho; Isabella Ferraz; Lucas Ferreira; Diogo Facini; Anélia Pietrani; Bruno Almeida da Costa; Graziela Skonieczny; Paula Giovanna Rodrigues; Vinicius Santos; Mariana de Oliveira Lima; Leandro Grácia; Rodrigo Geraldi; Bianca Nóbrega; Lorena Klenk; Rosângela do Carmo; Thiago Magalhães Lamin; Karol Biavatti; Cynara Cypreste; Bruno Rafael Ferreira Santana; Leo Delari; Luna Martins; Octávio Stofel Oliveira; Sabrina Dalbello; André Giusti; Laura Rubianes; Luisa Machado; Gabriel Fernandes; Editora Coragem; Carolina Bataier; José Henrique Sasek; R\$ 96 Maria Tereza Piacentini; R\$ 100 Fernando Severo; Marcelo Ferreira Ribas; Rômulo Cardoso; Nuno Rau; R\$ 105 Cellina Muniz; R\$ 120 Pedro Ramos Martins; Gladis Naira; Melissa Burato; Felipe Klein Gussoli; Diogo Fernandes Honorato; Gustavo Santos Kafruni; Marcos Eduardo Ferreira Penteado; Alana Ritzmann; Paulo Sérgio Ramos da Costa; R\$ 160 Sebastião Ferreira; Rebeca Ribeiro Gomes; André Luiz Dias de Carvalho; Rafael Aggens; Cristiano Barros; R\$ 200 Filipe Natal de Gaspari; R\$ 225 Leonardo Schenato Barroso; R\$ 300 Rinaldo Batista Ferreira; R\$ 320 Lucas Leite; Katia Brembatti; R\$ 400 Rhodrigo Deda.

ANUNCIANTES R\$ 1.970

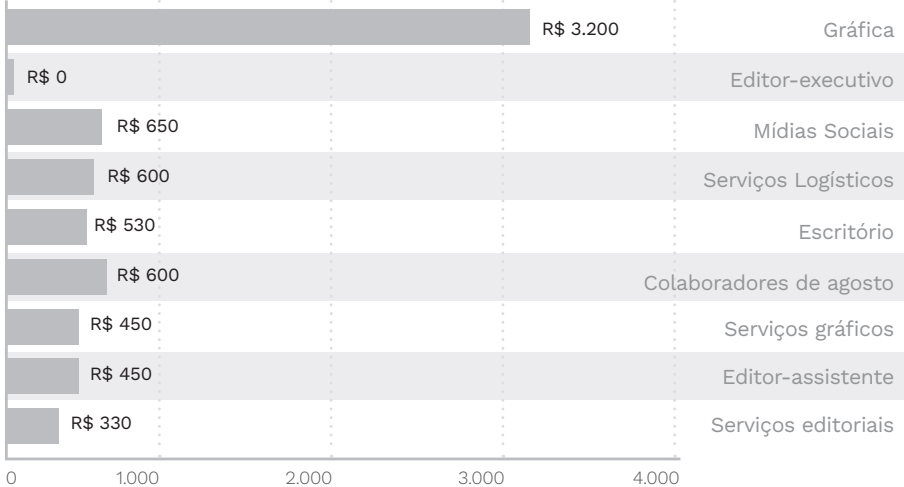
R\$ 50 Rede Macuco; R\$ 70 Luiz Gustavo Vicente de Sá; R\$ 100 André Giusti; Flávio Sanso; Museu do Livro Esquecido; R\$ 200 Hecho por Cami; R\$ 300 Adriana Massocato; R\$ 450 Maniacs; R\$ 600 Silas Corrêa Leite

CONSULTORIAS R\$ 800

CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS



CUSTOS FIXOS



É HORA DE ACERTAR AS CONTAS

Entradas totais: R\$ 11.116
Saídas totais: R\$ 11.498
Resultado operacional: R\$ -382



EXPEDIENTE

Setembro 2026



Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Priscila Branco
Revisão Samanta Maia
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Logística Damaris Pedro
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 5.000



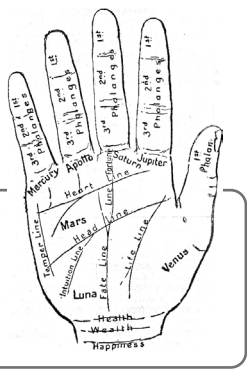
NESTA EDIÇÃO

Chantha Nguon e Kim Green (Trad. Thaís Cunha) p.9
Emília Freitas e Teresa Cárdenas p.16
Marcos Eduardo Ferreira Penteado p.18
Qualia Thomazini p.19
Gustavo Santos Kafruni p.20
Rodrigo Geraldi p.22



CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 30 de agosto de 2026.



DAS OBRAS

As ilustrações da edição são do manuscrito Leiden Aratea, do início do século 9, e de Rafael Sica. Você pode conhecer mais do trabalho deste último em rafaelsica.com.br.



TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Fraunces, um trabalho belíssimo das designers Phaedra Charles e Flavia Zimbardi.

ASSINE / ANUNCIE

O Relevo não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes



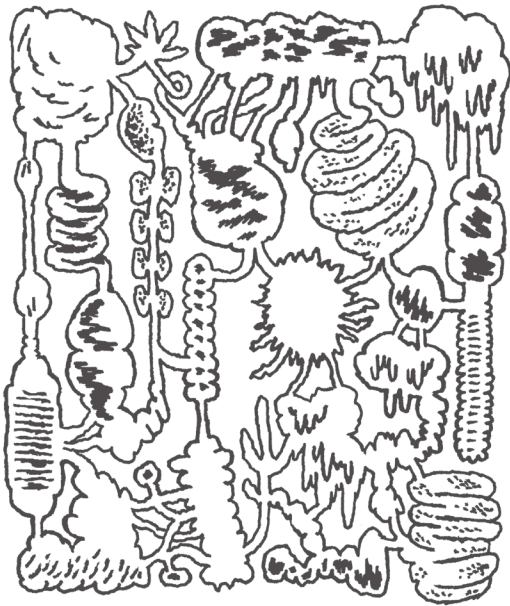
e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLIQUE

O Relevo recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O Relevo recebe ilustrações. O Relevo recebe fotografias. O Relevo aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.





CARTAS

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Vanessa Fagundes • A edição de agosto está de parabéns! Ao menos, para uma romântica assumida, ler mais de três crônicas sobre ilusão amorosa, separação e reencontros frustrados já encheu minha alma de flores! Mas me apeguei especialmente ao texto da Hellen Franco. Um grande desabafo, cuja frase central me chamou a atenção: “sua única possibilidade de amor romântico”. Talvez seja assim mesmo, mas não pelos motivos que ela imagina... O amor romântico é, de fato, “inalcançável” porque PRECISA ser assim. Se não fosse, não seria romântico. Aprendi em *O Mundo de Sofia* que o romantismo sempre anseia por algo distante e intangível, tem nostalgia por tempos passados e, comumente, enfeita demais esses mesmos tempos. Para continuar uma romântica, a Hellen, assim como eu, precisa glorificar o passado. Confesso que já fiz como ela e glorifiquei, por anos, uma pessoa, um único ser humano – como se aquilo fosse a fonte de todo o romance que eu poderia ter. Quando criei coragem de revisitar esse passado munida de olhos mais maduros, percebi o quão enfeitado esse passado estava! E, somente assim, ele poderia sobreviver tanto tempo. No fundo, a Hellen sabe disso, pois mostrou-se muito sensata no texto. Porém, como ela mesma diz repetidamente, não basta saber. Ela precisa comprovar. E como se comprova um erro de interpretação? Com mais observação (como diria o cientista Leonardo da Vinci). Sim, é preciso ser não-romântico, racional, quase científico, para destruir o objeto errado do seu romantismo. Quando você finalmente descobre que estava romantizando o objeto errado (às vezes, é como romantizar uma ratoeira cheia de restos putrefatos de intestinos que ali se despedaçaram – ah, que beleza há na prisão eterna que nos atrai tão misteriosamente), então você passa a romantizar os objetos certos! Uma romântica nunca deixará de ser romântica. Está em sua alma (antiga, como qualquer romântica diria), mas romantizar uma única pessoa a vida inteira é desperdiçar essa alma! Hoje romantizo a arte renascentista (para mim, da Vinci e Michelangelo são mais gênios que Kandinsky ou Tarsila, provavelmente, pelo tempo distante e inalcançável que ocupam – ou, talvez, sejam mesmo melhores artistas rs). Hoje romantizo livros físicos e decoração clássica. Minha casa é meu refúgio e nela me sinto a princesa do castelo (independentemente de qualquer príncipe ao lado, algo que se aprende com o tempo e muita terapia). Enfim, hoje sou romântica sem a “virtude” da lassidão (como alguns escritores já adjetivaram), pois me permito entusiasmar pelo mundo (principalmente o antigo, claro) e foco em objetos que merecem meu romantismo. Acredito que esse texto foi uma mão estendida para a Hellen e para todas as românticas que ainda desperdiçam seu olhar poético com um ser humano qualquer. Força, amiga, você ainda verá céus mais estrelados!

Hellen Franco • Estou escrevendo essa mensagem um dia depois de ter lido a carta da Vanessa Fagundes. Primeiro, porque fiquei atordoada com o *feedback*. É muito interessante o poder do texto escrito, como a palavra é viva e toma decisões para além do planejado. Interessante também como coisas extremamente pessoais ligam pessoas desconhecidas por pequenas

semelhanças no vivido. Disse que só estou respondendo hoje pelo atordoamento e também porque ontem foi formatura de uma amiga, assim acabei ficando toda emaranhada em compromissos. Acho que tem uma terceira coisa que explica essa demora: não sei o que dizer. Escrevo autoficção, mas, quando vejo o texto fora de mim, já desconsidero toda a veracidade, como se o simples fato de fabular em frases já destruísse o miolo no qual me inspirei. Não sei se entende? O texto é inspirado em algo da minha vida, mas sempre que escrevo, algo além acontece, e esse algo além é a própria literatura. Já estou me perdendo aqui, sem eira e muito sem beira. Queria agradecer pela carinhosa carta e pelas palavras todas, me aqueceram e me deixaram esperançosa. A gente nunca sabe como aquilo que escrevemos vai tocar alguém e é legal quando toca a ponto de termos uma resposta. “Tudo de bom” é um texto presente no meu próximo livro, ainda não tenho data pro lançamento, mas em breve terei informações. Estou muito empolgada com esse trabalho. Meu relacionamento acabou, porém, a vida é enorme, muito acima disso, continua e vai nos revelando estranhezas e belezas em cada canto. Estou cheia de planos e com fome de novidades. Focada nos estudos e nos planos pro futuro, comecei um clube do livro aqui na minha cidade, tenho feito coisas que me emocionam, sou muito movida pela paixão, como você mesma definiu: uma eterna romântica. Não me considero romântica no sentido hollywoodiano-clichê, mas alguém atenta ao que é vivo e ao detalhe. O amor romântico me provoca formigamentos inexplicáveis e deixa tudo isso mais saliente, mas tem outras coisas que também me causam esse despertar. Enfim, obrigada pelo recado, fique de olho no lançamento do meu livro, acho que tu vais gostar. Mais uma vez agradeço à Vanessa pelo e-mail e ao **Relevo**. Com carinho.

Raphael Cerqueira • A edição de agosto está ótima. Vocês alcançaram um equilíbrio muito bom entre prosa e poesia. Mesmo com os sonetos do Benjamin não tendo me agradado (eu não curto sonetos), a edição está muito boa. E aproveito para fazer coro à ombudsman: um jornal impresso pede mais presença de crônicas.

ARQUIVOS AFETIVOS

Vitor Kataoka • Bom dia! Ou boa tarde, Jornal! Peço desculpas pelo assunto apelativo, mas é por um nobre motivo! Hahaha. Sou um apreciador recente deste periódico após a feliz coincidência de levar um exemplar do balcão da Maniacs Brewery, gostar do jornal e apresentar para minha namorada, que, para minha surpresa, disse que no início do seu curso de Jornalismo (antes de trancá-lo) escreveu um texto para o **Relevo**! Pesquisei o arquivo de vocês, pesquisei o nome dela e diversas palavras-chave no Google, sem sucesso. Ela não se lembra do tema e nem tem o arquivo, ela só lembra de ter contribuído com um texto para o Jornal. Por acaso, podem checar se ainda está guardadinho em algum lugar? Gostaria muito de imprimir e dar de presente para ela... O nome da moça bonita é RENATA LEMOS CARLOTO. Desde já, agradeço!

Da redação + atualizações • Achamos e o exemplar está nas mãos do presenteador.

AMYR CLICK: A SAGA DO TEXTO PERDIDO

Luis Felipe Mayorga • Não aceitem calados esse mito chamado Efeito Mandela. Todos nós, lúcidos, sabemos que, quando essas coisas acontecem, é um ajuste fino da Matrix tentando editar a história. Mas nossa memória não aceitará, impassível, a destruição do que, de fato, aconteceu no misterioso reino das lembranças verdadeiras. Amyr Click nasceu, cresceu, viveu, chorou, SIM. Trocou o buscador Miner do Bol pelo Google, *startup* simpática com jeito de quem vinha para transformar o mundo para melhor. Se afogou em volúpia enquanto a fotografia da Feiticeira carregava em seu monitor por longos trinta minutos. Se emocionou com “Cada um no seu quadrado” e “O Mamute Pequenino”, que prontamente compartilhou por e-mail com seus amigos e contatos profissionais, sem qualquer distinção. Teve fotos de bêbado expostas em sites com registros de baladas. Fez amizades verdadeiras e paqueras inesquecíveis no Orkut. Postou vídeos no YouTube que alcançavam milhares de pessoas naturalmente. Contaminado pela revolta nas redes sociais, foi às ruas em 2013 pelos seus vinte centavos e inadvertidamente se viu integrante de uma protocélula pseudo-revolucionária coxinha. Percebeu o apagar das constelações de sites e blogs conforme o universo *web* sucumbia à entropia. Hoje, diante de uma internet pobre e monopolizada por grandes veículos de comunicação, Amyr Click abre o Google e não sabe mais o que pesquisar. Ele já deu a volta ao mundo pelo Earth, e ele já viu de tudo. Ele não sente mais prazer pelo sexo real, diante da inexistência de criaturas tentaculares de pele colorida e capacidades impossíveis no mundo real. Ele acessa a internet e se vê preso num ciclo de acessar e-mail, portais de notícias e redes sociais, mero roedor na caixa de Skinner. “Tudo é tão cansativo que não há como descrever. Não importa quanto vemos, nunca ficamos satisfeitos; não importa quanto ouvimos, nunca nos contentamos”, Eclesiastes 1:8.

Deborah Trois • Adorei o texto sobre a busca do texto esquecido do Jornal! Não comprem livros, não assinem o **Relevo**. Só reparem como é bonito quando alguém sabe navegar sozinho.

ESPÓLIOS/TIGRES DE PAPEL

E. Marie • Boa tarrrrde, Jornal **Relevo**. Deixa te falar: estou me divorciando (naquela parte que a gente só chora ainda) e não sei pra onde vou morar. Como o Jornal vem e eu não sei exatamente em quais datas, queria pedir pra vocês suspenderem o envio enquanto eu não arranjar uma casa nova, porque eu até tenho um bom prazo, mas é uma questão de saúde mental que eu me resolva de forma rápida, e não sei como será.... Quando eu tiver o endereço novo, mando aqui :)

VULGO PEPECO

Eduardo Júnior • Olá, pessoal! Venho, por meio deste, relatar minha primeira interação com o ilustre, infame e querido Jornal **Relevo**. Estávamos eu e minha namorada conhecendo novos lugares e caminhando pelo bairro Batel, em Curitiba, quando nos deparamos com uma cafeteria chamada Degusto Café. Viciados que somos em descobrir novas cafeterias, já que sair em restaurantes hoje em dia é coisa de burguês safado, entramos para conhecer o ambiente. Depois de pedirmos



MAIS ALGUMAS CARTAS

dois cappuccinos, começamos a conversar e comentar sobre o lugar; foi quando que, olhando para o armário ao lado, algo chamou nossa atenção... Uma capivara? Uma revista *Capricho* (se é que ela ainda existe)? Não! o lindo, maravilhoso, gostoso e esplêndido **RelevO** (risos verdadeiros). Para ser sincero, o que nos chamou a atenção não foi uma capa incrível ou qualquer outro aspecto do tipo, mas sim ver, depois de muito tempo, um jornal impresso. Lembro-me maravilhado de pegar a edição de abril e começar a folhear, já esperando os títulos sensacionalistas e crimes ultraexplícitos. Porém, para meu espanto encontrei algo totalmente diferente do que já tinha visto: algo com muito sarcasmo crítico, apimentado e cheio de personalidade. Dito tudo isso, minha cabeça esqueceu e não deu mais importância. Porém uma senhorita bela e formosa chamada Bettina (vulgo minha namorada) não esqueceu. Me incomodou incessantemente, por duas semanas seguidas, para assinarmos o tal jornal; que eu sequer lembrava. Minha resposta sempre era – como assim vamos gastar OITENTA reais por ano com um jornal? Que coisa absurda! Dei o braço a torcer e foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Brincadeiras à parte, gostaria de agradecer por todo humor leve e trabalho que fazem. Aqui em casa vocês foram responsáveis por introduzirem um hábito de leitura nas nossas manhãs (quase sempre tardes hahaha) de domingo. Muito obrigado mais uma vez. PS: Eu, leigo com o sarcasmo do jornal, passei quase o texto inteiro incrédulo, acreditando que a história do craque Pepeco fosse verdade. Me senti um idiota quando me toquei, obrigado por isso. Um beijo e um queijo. Atenciosamente.

DENÚNCIA?

Jéssica Trombini • Oi, pessoal, conheci o **RelevO** recentemente e fui até um sebo da capital, um dos únicos dois pontos de distribuição em Florianópolis (o outro é O Barbeiro e o Poeta). Perguntei sobre o jornal e encontrei descaso total com a publicação. A atendente não sabia me informar nada. Falei que é um jornal mensal e perguntei mais ou menos a época do mês que chega, e a atendente disse que a entrega é aleatória, e que elas deixam em cima do balcão, e é algo que ninguém sabe de onde vem, “a gente só recebe” e “a gente nunca pediu isso”. Eu fiquei meio chocada e nem sabia o que responder, deixei quieto. Mas fiquei chateada e resolvi mandar esse e-mail. Fiquei pensando que talvez haveria lugares mais interessantes para distribuir, como a Livraria Latinas, que é uma livraria independente e tem uma vida cultural mais agitada. Tem lançamentos, clubes de leitura, e fica no centrinho de Santo Antônio de Lisboa. Conheço a dona, é a Pétula, e acho que ela daria mais atenção para o jornal, possivelmente até divulgando quando chegar a edição, etc. Tem a Livros e Livros, e uma das donas também é a Pétula. Essa livraria fica na UFSC, mas está passando por uns maus bocados e talvez feche em breve. No momento, estão fazendo uma vaquinha online para arrecadar fundos. Tem uma outra livraria independente chamada Letraria, fica no Multi Open Shopping, no sul da ilha. Acho que o foco é mais literatura infantil, mas talvez valha o contato. É isso. Fiquei chateada e gostaria que o **RelevO** circulasse em um local que possa dar mais valor e/ou visibilidade pra ele.

AUTOR PUBLICADO SEM BIO

Anderson Freixo • Poxa, desculpa não ter respondido antes! Esse negócio de bio é novidade, né? Se ainda tiver tempo (e tenho quase certeza que não): nasci em Niterói, RJ, em 1990, mas fui criado em Nilópolis (BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS: DEZ!). Atualmente moro em Feira de Santana (BA). Estou trabalhando no IBGE, mas ao longo da vida já vendi cerveja na praia, livros (esses não foram na praia), revisei trabalhos acadêmicos, fui caixa de uma cafeteria (da minha ex), e provavelmente outras coisas que esqueci. Minha profissão é ganhar dinheiro do jeito que der pra tocar a vida. OBS: Realmente não me importo se colocarem só meu nome mesmo. Na verdade, eu não acredito em biografias. Abraços!



RelevO Moments
apresenta:

UM AUTOR IMPACIENTE

Carlos Henrique • 3 de ago., 22:54

Sim, ando vendo coisas, sim! Muito prazer! Sou Carlos Henrique, 58 anos, licenciado em História há 25 anos, lecionando há 22 anos em algumas cidades do Paraná. Também lecionei em Portugal, há anos, as disciplinas de História da Arte e História do Brasil. Sou desenhista desde menino, desejo divulgar meu trabalho que se baseia na técnica de nanquim sobre papel. Realizei algumas exposições no Brasil e em Portugal, comercializo meu trabalho também.

Lembro muito do *Nicolau*, da SEED, e o vosso jornal tem muita semelhança. A Cultura divulgada através de textos, poesia e ilustrações enriquecem os nossos dias. Gosto do vosso trabalho e venho aqui me apresentar e dizer que pretendo poder colaborar com o vosso jornal, busco essa chance para mostrar o que gosto de fazer, inclusive também escrevo (poemas e contos). Aqui aproveito para enviar alguns desenhos realizados ao longo do tempo, e desde já agradeço a vossa atenção. Vamos nos falar de perto, afinal, andamos todos vendo coisas! E além de ver, também devemos sentir. Sentir e debater, conversar sobre os assuntos tantas vezes silenciados. E sinto a necessidade de manter convosco esse contato! Trocar experiências, falar de cultura, buscar respostas boas, construir... evoluir! Colaborar para a evolução de uma Arte cada vez mais direta e sincera! Sem burocracias nem engodos! Creio que é essa a vossa proposta! Aguardo o vosso retorno, para que possamos nos falar de maneira mais direta, pessoal. Foi na Biblioteca Pública do Paraná que encontrei o vosso jornal e, enquanto folheava, nessa noite de hoje, fiquei animado para mandar esse recado, manter essa comunicação. Busco oportunidade de produzir, trabalhar, divulgar o meu trabalho escrito e artístico. Conto com o vosso apoio, senhores. Muito obrigado pela vossa atenção! Aproveito para enviar aos senhores o meu Curriculum Vitae para que possam analisar e entender os meus trabalhos e estudos realizados. Tenho paixão natural e sincera pela Arte (desenho, teatro, escultura, música, dança, literatura, pintura, Arquitetura).

Carlos Henrique • ter., 4 de ago., 11:04

Senhores, enviei ontem alguns desenhos, falei sobre mim, sobre meus intentos e trabalhos realizados, dizendo

Filipe Gaspari • Renovei a assinatura do Jornal. Fico muito feliz em poder acompanhar e apoiar o trabalho de vocês!

Caio Victor Bulla de Carvalho • Fala, Jornal. Não sei se vocês lembram de mim entre tantos leitores infelizes e mal-agradecidos. Mas eu tinha suspenso a assinatura porque estava estudando para uns concursos e estava sem tempo livre. Bom, agora passou essa fase e estou feliz de poder preencher esse vazio com algo de útil (ou não, quem sabe), além de salgadinhos com alto teor de sódio. No fim, também é uma forma de ajudar o trabalho de vocês a continuar atingindo outras pessoas, acho isso muito importante e cada vez mais, aliás. Então voltei a assinar o jornal e desejo sucesso e vida longa a ele. Um abraço!

que busco oportunidade para divulgar meu trabalho, conseguir algum espaço na Cultura, na Educação da cidade de Curitiba. Devo acrescentar que trabalhei no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, há muitos anos, e também na Cultura de Paranaguá, onde permaneci por alguns anos. Tenho experiência em salas de aula, lecionando tanto a História quanto a Geografia, História da Arte e Filosofia. Mas acabei esquecendo de enviar meu Curriculum, e aproveito o momento para fazer isso: espero que me desculpem o lapso, eu quis dizer muito sobre mim, divulguei os desenhos e acabei esquecendo o Curriculum. Espero que possam apreciar, e aguardo, sinceramente, o vosso retorno. Muito obrigado!

Carlos Henrique • qua., 5 de ago., 23:19

Enviei aos senhores um longo texto, descrevendo meus trabalhos e intentos, com relação à Arte e à Literatura. Faço imensa questão de que os senhores possam me enviar algum retorno. A comunicação é imprescindível, ainda mais num mundo que perde, cada dia mais, o poder da retórica, da empatia e dos posicionamentos em prol do avanço e evolução das Artes e da União entre os que desejam um mundo melhor!

Carlos Henrique • qui., 6 de ago., 15:53

OS SENHORES NÃO CONSEGUEM RESPONDER???? BUSCO APENAS RESPOSTAS, NAO PEÇO DINHEIRO, NAO VIM PEDIR EMPREGO..... VENHO BUSCAR RESPOSTAS, RESPOSTAS ESSAS QUE, PELO VISTO, OS SENHORES NÃO CONSEGUEM RESPONDER.....EU APENAS ME SURPREENDO, POR SER O VOSSO CANAL UM LOCAL DE CULTURA, LITERATURA.....E ACHO ESTRANHO O FATO DE EU, HA ALGUNS DIAS, NÃO TER RECEBIDO SEQUER UM ALOW, UMA RESPOSTA.....UM SINAL..... PORTANTO, SOLICITO: NÃO PRECISAM MAIS ENTRAR EM CONTATO, ME ENGANEI FOI UM LAPSO BUSCAR ALGUMA COMUNICAÇÃO CONVOSCO.....UMA PENA! EU ESPEREI MAIS ATITUDE! ADEUS, SENHORES!

 APOIADORES


BANCA TATUÍ

bancatatu.com.br / Desenho por Ângela León

Em dúvida sobre suas
próximas férias?



Visite a Pension Pötters
em Essen, na Alemanha!

você tem
um livro de poesia?
nós temos
seus leitores

envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia



Gostando da leitura?
Vou revelar um
segredo: é possível
assinar o jornal.

www.jornalrelevo.com
 EDITORIAL

16 anos: continuar também é chegar

Em 2 de setembro de 2010, o **RelevO** começou a circular. Fomos até a gráfica da *Tribuna do Paraná*, em Curitiba, buscar mil exemplares de um jornal de oito páginas, impresso em preto e branco porque era o que cabia no orçamento. Havia erros, improvisos, certa ingenuidade e uma ideia bastante simples: fazer aquela edição existir para, no mês seguinte, tentar fazer outra.

16 anos depois, talvez seja curioso admitir que o princípio continua praticamente o mesmo. Mudaram as proporções. O jornal cresceu, chegou a outros lugares, reuniu colaboradores, leitores, assinantes, amigos e pessoas que aparecem durante algum tempo e depois seguem seus rumos. Somos uma espécie de armazém no caminho. Houve edições especiais, projetos que deram certo, outros que deram *muito* prejuízo, períodos de algum conforto e meses em que colocar o jornal na rua pareceu uma tarefa desproporcionalmente difícil.

Manter uma (1) publicação (2) impressa (3) dedicada à literatura em circulação durante 16 anos não é exatamente uma história de sucesso no sentido em que aprendemos a reconhecer o sucesso. Não houve uma linha ascendente. Alguns “dramas”, inclusive, são repetidos. Talvez seja justamente a ausência de uma história de sucesso que um aniversário como este obrigue a perceber.

Às vezes, olhamos para o **RelevO** e pensamos no que ainda falta. Aumentar a distribuição. Conseguir mais assinantes. Encontrar parceiros que compreendam o projeto sem querer transformá-lo em outra coisa. Pagar melhor quem trabalha conosco. Fazer com que o jornal tenha um pouco mais de tranquilidade para existir. Há sempre um próximo degrau e, quando chegamos a ele, descobrimos outro. Mas 16 anos também permitem olhar na direção contrária.

São quase 200 vezes em que alguém fechou um arquivo, uma gráfica imprimiu algumas milhares de folhas, malotes foram montados e um jornal voltou a circular em cafés, livrarias, bibliotecas, universidades, casas e caixas de correio. Parece pouco quando visto de perto. Visto em conjunto, talvez seja o bastante.

Nesse percurso, o **RelevO** também começou a perceber que não precisava permanecer exatamente dentro das fronteiras que imaginamos para ele em 2010. A literatura continua sendo nossa

desculpa, o papel continua sendo nosso objeto preferido e o jornal permanece no centro de tudo. Mas, de algum modo, começamos a abrir algumas portas.

Uma delas nos levou ao cinema. No primeiro semestre, fizemos *Colaboradores*. Mais importante que anunciar datas, sessões ou qualquer outra notícia sobre o filme é registrar o que ele representa neste momento: a possibilidade de o **RelevO** experimentar outra linguagem sem precisar abandonar aquilo que é. Fazer um filme trouxe uma sensação estranhamente parecida com a de fazer aquele primeiro jornal. Não sabíamos exatamente o tamanho daquilo em que estávamos nos metendo. Houve aprendizado, dúvida, ansiedade, trabalho demais para gerar alguns minutos de tela e a participação de muita gente para transformar uma ideia em algo concreto. “A gente trabalha o ano inteiro / por um momento de sonho / pra fazer a fantasia (...)”.

Talvez por isso *Colaboradores* tenha se tornado importante para nós, independentemente do caminho que o filme venha a percorrer. Ele abriu uma possibilidade. Depois de tanto tempo publicando textos de outras pessoas, experimentamos construir uma obra coletivamente em outra linguagem. Há uma dificuldade particular em fazer projetos independentes durarem. A comemoração quase nunca chega sozinha. Ela costuma trazer junto uma planilha, uma conta, uma incerteza, alguma coisa atrasada e a pergunta inevitável sobre como continuar. Talvez por isso os 16 anos do **RelevO** não nos condicionem a uma celebração grandiosa.

Em 2010, queríamos imprimir novamente no mês seguinte.

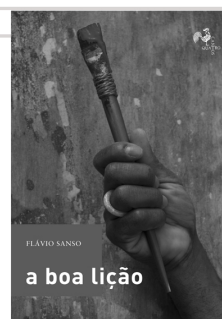
Em 2026, continuamos querendo.

Mas agora queremos também descobrir até onde um jornal pode chegar sem deixar de ser um jornal. Um filme talvez não seja parte dessa resposta. Outros projetos poderão ser novas formas de errarmos. Algumas experiências funcionarão, outras provavelmente não. Faz parte.

De tempos em tempos, voltamos a uma frase de Walt Whitman: “Quer dizer que eu me contradigo? Pois bem, então me contradigo. Eu sou vasto, eu abrigo multidões”. Um jornal também pode carregar suas contradições.

Seguiremos com os nossos erros. No mês seguinte, tentaremos de novo.

Uma boa leitura a todos. ®



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro *Viva Ludovico*, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



BONS VENTOS
trazem
BOAS LEITURAS



EDITORAMONINHOS
.COM.BR

@EDITORAMONINHOS

13ª utilidade para o RelevO: um jornal também pode ser um balão

Priscila Branco

Acho interessante que o RelevO estabeleça uma rotatividade breve do cargo de ombudsman. Quando fui convidada para ocupar esta função, me deu um misto de alegria e nervosismo, confesso pra vocês (gosto de expor minhas vulnerabilidades, tá? Alguns vão dizer que sou exibida). A alegria, porque sou leitora do periódico há alguns anos; e o nervosismo, porque ninguém te ensina muito bem o que significa ser uma ombudsman (ou ombudswoman, como quiserem). Cada um dos que estiveram nesse lugar nos muitos meses anteriores criou colunas de formas bem específicas, realizando mediações distintas entre leitor e jornal, e entregando para vocês apontamentos dos mais diversos tipos. Mas nenhum de nós tinha cartilha alguma a seguir. E que bom!

Então é ótimo que tenhamos um prazo de validade para estar aqui. Valoriza bem a criação dos textos meio ensaísticos meio jocosos meio crônicas que tenho publicado nesta coluna. Estou sentimental e reflexiva assim pois esta é minha última passagem no RelevO como ombudsman, e na próxima edição vocês já terão um outro nome, que trará um olhar renovado (espero que não venha questionar as bios, porque aí já é demais).

Passado o momento dramático e pegando o gancho do editorial do mês

passado, queria dizer que a ideia do RelevO de publicar, durante a Copa, uma edição especial que mescla literatura e futebol foi emocionante. À primeira vista, uma coisa pode parecer não ter nada a ver com a outra, mas é especial o momento em que conseguimos fazer essa conexão: um jogo de futebol nos coloca num tempo suspenso, em que o presente é o momento mais importante do mundo. Sentimos êxtase coletivo, como se fôssemos parte de algo maior, criamos narrativas, inventamos xingamentos. Não é assim também com a literatura?

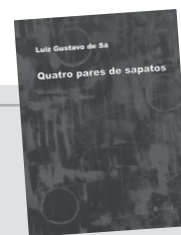
Por mais que deteste a divisão dos territórios em países (o mundo deveria ser de todos os seres) e um nacionalismo exacerbado que acaba afastando os trabalhadores de uma possível aliança internacional, é maravilhoso torcer pelo Brasil, nosso país que sofreu tanto na mão de certos genocidas nos últimos tempos. Mesmo que a seleção não tenha favorecido essa torcida, é a união de nosso povo, de nossa terra, que faz tudo valer a pena. A literatura, misturada com o futebol, fortalece o lugar de trocas culturais e desfaz fronteiras.

Migrando do futebol para as artes visuais, para mim, é auspicioso que a minha última coluna se debruce sobre a edição de agosto, ilustrada pelo Marcos Beccari. Há uns dez anos, em um período totalmente diferente da minha

vida, conheci suas obras aquareladas pela internet e fiquei encantada. Vocês provavelmente também se impressionaram com as artes presentes na edição passada. Uma coisa engraçada sobre a aquarela, muitos dizem, é que você precisa aceitar a falta de controle total que a água impõe quando se mistura à tinta e ao papel. E ter paciência. Marcos, por outro lado, nos apresenta uma técnica de aquarela muito controlada, como se fosse um domador do mar e do tempo.

A literatura me parece um pouco com isso: os pensamentos ficcionais e poéticos nos atropelam de forma des-governada, como se nos empurrassem para a beira de um abismo. É preciso, em algum momento, respirar fundo para controlar o desastre iminente, caso contrário o que nos espera é uma queda ao ar livre (pensa o escritor). Jornais como o RelevO entram como balões no meio dessa história. A ventania está violenta, mas a corda está pronta. Cabe a nós, leitores, agarrá-la e subir. E rezar para que esse balão continue a voar (apesar de dar muitas cambalhotas e sair chacoalhando todo mundo por aí!).

Um beijo para todos vocês. E boas-vindas à nova ombudsman que chega mês que vem!



Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: "eu tenho quatro tipos de pés".

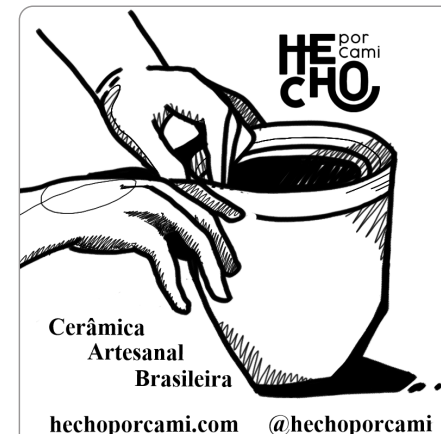
Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos "lugares comuns", o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/



Editora
LitteraLux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de **1.700** títulos
publicados desde 2012



Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br

Preste atenção.

Existe alguém tomando decisões na sua vida que você não conhece.



A psicanálise costuma chamá-lo de inconsciente. Quero ser cupido do seu encontro consigo.

Elisa Goltz Kumov
Psicóloga e Psicanalista
CRP 08/43385





A extinção gradual da suavidade

Chantha Nguon e Kim Green

Tradução de Thaís Cunha

A primeira vez que cozinhei arroz sozinha, aos cinco anos, queimei tudo até virar carvão. Minha mãe viu o quanto eu amava “ajudar” a cozinhar, então ela me deu uma panela de barro e um saquinho de arroz para me divertir. Corri até a minha amiga Yet, que morava no bairro atrás da casa dos meus pais em Battambang, no Camboja. Nós juntamos galhos, pedras e construímos uma fogueira na frente de casa, feita de bambu, mato e esterco de elefante.

O arroz fervia, e Yet e eu nos sentamos nos degraus da escada da frente de casa. Alimentávamos o fogo enquanto batíamos palmas e cantávamos. Deixei o arroz ali por muito tempo, para garantir que estivesse bem cozido, e aí corri para casa e mostrei para a minha mãe — “Mae”, como eu a chamava em khmer.

“Está uma delícia!”, Mae exclamou sorrindo. “O melhor que já comi!”. O arroz estava intragável, mas não importava: eu tinha cozinhado algo e minha mãe tinha me elogiado. Pelo resto do dia, me senti flutuando acima do chão.

Fico pasma de me lembrar de um tempo em que tínhamos tanto arroz sobrando que poderíamos nos dar ao luxo de deixar uma menininha queimá-lo só pela brincadeira. Até hoje, que tenho o suficiente para comer, não suporto desperdiçar nenhuma migalha de comida.

A memória da fome é uma maldição que nunca te abandona.

*

Em 1975, o Khmer Rouge informou que as pessoas do Camboja não teriam mais passado, mas nós sabemos que era mentira. O Camboja tem um passado rico, um mosaico de sabores que vieram de perto e de longe: comerciantes do sul da Índia nos deram o budismo e os *curries* apimentados; a China trouxe o macarrão de arroz e a astrologia. E os colonizadores franceses, por sua vez, nos passaram o amor pelo café forte, o pudim e a baguete leve e crocante. Pegamos os melhores sabores de todo canto e acrescentamos a nossa marca: conservas ácidas de frutas e verduras, a famosa pimenta Kampot e o sabor (e aroma) mais original de todos: *prahok*, a (mal) afamada e fétida pasta cambojana de peixe fermentado.

Até hoje, consigo sentir o gosto da minha própria história, em lampejos de memória do molho de peixe caseiro da minha mãe, da deliciosa sopa feita com o macarrão que ela enrolava com as próprias mãos, um por um. E meu favorito absoluto — o patê de *foie* que ela servia para convidados especiais.

Uma pessoa no poder tentou apagar tudo isso.

*

Cambojanos eram uma nova geração, começando pelo “Ano Zero” — foi isso que Pol Pot disse a todos enquanto seus soldados esvaziavam as cidades de pessoas e substituíam a Civilização por um Paraíso Agrário. Ele pegou emprestada uma ideologia lixo e adicionou seu próprio

sabor genocida; seus correligionários nos livraram do fardo do patê de *foie* e da sopa de macarrão enrolado à mão. E também da educação, da medicina, do cinema, dos livros, do dinheiro, dos carros e do budismo. Em troca, os cambojanos ganharam o direito de cavar canais e colher arroz, passar fome e ser executados. Por meio desses e de outros métodos, o Angkar — a “organização” do Pol Pot — libertou quase dois milhões de pessoas da própria vida.

Fugi para o Vietnã como uma menininha de nove anos antes que a libertação começasse.

Os ideólogos também estavam ocupados lá, “libertando” todo mundo e atrasando os relógios. Em reuniões políticas, com seus megafones, eles gritavam sobre as indulgências do passado que deveriam ser repudiadas: abaixo as baladas francesas antigas; vivam as canções de sangue e sacrifício. Abaixo o patê e a confeitaria; viva a maçaroca de arroz aguado, misturado com mandioca, batata-doce e macarrão. Tudo junto, amassado em uma panela. Tinha gosto de um nada cinza.

Quando eu já era uma jovem de 24 anos, pensei que meu passado também tinha sido apagado. Minha família se foi. Meu país tinha se afogado no próprio sangue. Tudo o que eu tinha eram imagens e aromas: o cheiro do carvão da cozinha a céu aberto da minha mãe, o perfume doce do cachimbo do meu pai. Só restou fumaça.

*

Passei meus primeiros nove anos na cozinha ventilhada da minha mãe. Na minha memória, o cômodo era feito só de luz. Duas janelas largas emolduravam o céu brilhante e tropical. A luz do sol entrava por um vão de porta aberta, ao qual se chegava por uma escada estreita acima da oficina mecânica do meu pai. Uma janela menor servia como portal para papear com os vizinhos e para descer as sobras usando uma corda amarrada nas alças das painéis. Minha mãe e minha irmã mais velha, Chanthu, sempre preparavam comida a mais para nossos vizinhos, que moravam em cabanas de madeira sobre palafitas, dispostas ao redor de uma clareira. Nós tínhamos o bastante para comer; eles não.

Todos os dias, depois da escola, eu ia direto para a cozinha para ficar grudada em Mae e Chanthu enquanto elas cozinham, implorando para que elas me dessem o que fazer ou algo gostoso pra comer. Nos raros momentos em que a cozinha estava livre de cozinheiras, eu caçava uma iguaria para devorar escondida: *svay kti*, uma sobremesa crocante de manga verde bem gelada do pote térmico, ou sementes de lótus secas de uma latinha lá no alto da prateleira.

Nos meus sonhos, estou de volta àquela cozinha, picando cebolas e alho, correndo para buscar lenha e água, e adormecendo na rede enquanto Mae me balança até eu dormir. Mas é claro, aquele mundo se foi. Minha mãe não me deixou nada além de suas músicas, receitas, e memórias aromáticas para durarem pelo resto da minha vida.

Sempre me lembrei do sabor da felicidade. Tinha o gosto do patê de *foie* da Mae, envolto de grãos de pimenta quebrados e com cheiro de alho e cravo. Tinha gosto de antecipação: a cantiga de ninar *tac tac tac* do trem noturno de Battambang para Phnom Penh embalando meu sono enquanto eu sonhava com a bomba de creme que compraríamos assim que chegássemos logo à estação.

A felicidade mais perfeita de todas tinha o gosto do vento quando eu ficava de pé na frente do meu irmão na Vespa que ele acelerava por Phnom Penh, onde ele morava e estudava. Ele me falou para abrir a boca bem grande e beber o ar quente da noite. “AHHHHHHH!” gritei enquanto meu irmão riu, disparando para o norte à beira do rio. Era meu paraíso, um instante de perfeição fugaz.

Nunca vou me esquecer da receita para o paraíso da menininha. É simples, mas muito difícil de reproduzir.

Receita: Paraíso da menininha

Ingredientes:

um irmão mais velho

uma moto

uma menina tranquila, pequena o suficiente para ficar de pé na frente

uma cidade bonita

vento da noite

Misture uma menininha mimada, uma Vespa brilhante e um irmão mais velho venerado. Costure as ruas movimentadas da Phnom Penh pré-guerra à noite. Sorria loucamente contra o vento que avança com tudo e beba o ar da noite pelos seus dentes. Saboreie este sentimento, pois todos os ingredientes logo serão extintos, exceto o vento da noite.

*

Pol Pot nos deu o Ano Zero, mas quando ele imaginou que o Ano Um começaria? Quando os mortos ressurgissem das cinzas? Estava nos planos dele apagar o futuro junto com o passado? Seus capangas assassinaram todas as pessoas cujo trabalho era considerar o amanhã: médicos, engenheiros, professores. O Khmer Rouge enterrou todos eles e reduziu escolas e hospitais a pó. Eles converteram a civilização em um vasto campo de trabalho forçado e transformaram oito milhões de cambojanos em seis milhões de detentos famintos e mendigos. Nem os templos eternos sobreviveram.

Quando finalmente voltei para casa no Camboja, aos 33 anos, depois de mais de duas décadas como refugiada, encontrei um país sem noção de amanhã. Durante o regime Khmer Rouge (ou, como nós, Khmer, dizemos, “Durante o tempo do Pol Pot”) e por anos depois, vidas escapavam tão facilmente — por tortura, fome e doença; por explosão de mina terrestre; por combates de guerrilha que nunca pareciam terminar — que as pessoas mal poderiam imaginar envelhecer. Cada tigela de arroz poderia ser a última.

O povo cambojano tinha aprendido muitas coisas sobre o fim. Eles tinham esquecido todo o resto e só aprendido como sobreviver.

Entendo esse raciocínio. Quando você está com fome, o passado e o futuro escurecem a ponto de só a hora presente ficar visível. Em muitas noites, eu também sonhava só com arroz. Isso concentra a mente, mas limita as esperanças.

É o inverso da suavidade do patê de *foie*.



*

Eu não era uma criança quando minha mãe morreu; era uma jovem mulher. Mas ela era a única coisa que me afastava das ruas, o único tesouro que restava na minha vida. E o que ela me deixou? Nenhum ouro, só uma mina de receitas — inútil para uma menina sem dinheiro para bancar os ingredientes.

Eu a culpei por me criar tão suave, por fracassar em me preparar para o quão duro o mundo havia se tornado. Talvez minha educação na cozinha, com todas aquelas memórias deliciosas, não tenha sido uma força de jeito nenhum. Talvez tenha sido uma fraqueza começar a vida com todos os luxos só para perder tudo, uma preciosidade por vez.

E se, em vez disso, eu tivesse nascido com fome? E se eu nunca tivesse experimentado patê de *foie* e não soubesse como desejá-lo? Eu teria estado mais preparada para sobreviver à base de sapos e ervas do rio naquele ano, depois das guerras, quando meu marido e eu moramos na floresta, garimpando rubis? Eu estaria mais grata pela minha papa diária de arroz-batata-mandioca na Saigon comunista, ou pelas escassas rações dos campos de refugiados da Tailândia?

*

Pol Pot e seus correligionários deixaram bem clara a posição deles sobre a “suavidade”: chamavam os moradores urbanos instruídos de “Povo Novo” e os tinham como alvo para extinção. Mãos sem calos eram inúteis no Angkar, a ousada experiência do Khmer Rouge de revitalizar a civilização por meio do extermínio, onde as únicas atividades econômicas eram o cultivo de arroz e a imposição desse cultivo. O Povo Novo tinha pouca experiência com esses empreendimentos.

Era isso que o Khmer Rouge tinha a dizer ao Povo Novo: “Manter você não é benefício. Destruir você não é perda”. Eles não viam valor nos gostos burgueses ou no aprendizado dos livros. Tendo levado o Camboja de volta à Idade do Ferro, eles valorizavam os seguintes atributos:

1. costas fortes,
2. familiaridade com o uso de ferramentas agrícolas e
3. um corpo capaz de funcionar com o mínimo de combustível.

Por favor, não me leve a mal. O “Povo Antigo” — cambojanos rurais que sempre viveram do arroz e dos peixes de rio — sofreu as mesmas perdas. Eles sofreram pelos que morreram e pelos que estavam morrendo, assim como nós. Mas vou admitir, com alguma vergonha, que, uma vez que os comunistas do Sudeste Asiático nos equalizaram a um estado uniforme de pobreza, passei a invejar a dureza dos fazendeiros. Eles não choravam pela perda do patê de *foie*. Eles nunca tinham esperado tanta riqueza da vida e, por isso, não ficavam tão decepcionados com o pouco que ela oferecia.

Sinto-me pequena e insignificante quando falo da minha vida de refugiada, uma inconveniência comparada ao que muitos suportaram. Em Saigon, as balas também choviam. Mas nossos filósofos vietnamitas matavam mais seletivamente. Eles não eram tão ambiciosos quanto os arquitetos do Angkar. Eles eram práticos demais, ou não tinham determinação o suficiente (como o Khmer Rouge poderia dizer) para exterminar a classe profissional de um país.

Mas os comunistas vietnamitas ofereceram suas próprias lições de dureza: “Transforme sua dor em força”, eles nos diziam. E nós aprendemos a fazer exatamente isso.

*

Seria tentador posar de sobrevivente como se eu tivesse conquistado a continuação da minha existência por força de vontade e esperteza. Mas minha principal vantagem para sobreviver foi ter nascido em uma família que poderia pagar por um voo para Saigon. Usamos nosso ouro, que estava acabando, pra fugir pra um lugar onde usar óculos não colocava nossas vidas em perigo imediato.

Não mereci minha sobrevivência. Eu era uma “Pessoa Nova”, suave e mimada como qualquer garota asiática de uma família de classe média. Mas desconfio que eu possa confiar essa informação a você. Afinal, você está lendo um ensaio em um jornal literário neste momento. O que significa que você é, provavelmente, tão suave quanto eu era naquela época.

A suavidade não é imutável, mas ela não desaparece de uma vez; ela se esvai lentamente. Você pode até não perceber seu desaparecimento de cara.

*

Deixa eu te contar uma história sobre tofu e sapatos, irmãs e mães:

Quando eu estava no colegial em Saigon, minha irmã mais velha, Chanthu, aprendeu a fazer tofu fresco, e ela e Mae começaram a vendê-lo na feira do subúrbio. Nosso pequeno empreendimento de tofu mantinha a fome mais longe da nossa porta. Com o dinheiro que a Chanthu me pagou para ajudar com a produção do tofu, eu podia comprar um novo par de tamancos estilosos de madeira toda semana. Minha mãe gritou comigo por gastar dinheiro em uma coleção de tamancos inúteis: “Eu deveria usá-los como lenha!” Mas os sapatos eram baratos, e eles me faziam sentir bonita e rica, mesmo quando eu tinha de entrar na fila para a ração.

A morte de Chanthu foi repentina — um tumor que seguiu seu curso em questão de meses. Perdê-la tirou o brilho dos olhos da Mae e trouxe o abismo para cada vez mais perto. Chanthu tinha sido uma segunda mãe para mim. E com a minha irmã engenhosa partindo e minha mãe frequentemente mal, nós não conseguimos manter o comércio de tofu.

Mae insistiu para que eu desenvolvesse uma habilidade. Uma garota direita, ela disse, deveria saber como costurar. “Nunca seja uma dona de casa indefesa como eu”, ela disse, com sua expressão indicando que ela sabia um segredo.

Um dia voltei pra casa da aula de costura para o almoço, encontrei Mae fraca e pálida e a levei a um hospital. Dentro de um mês, ela também se foi.

Eu estava absolutamente sozinha, duas vezes órfã de mãe e terrivelmente amedrontada.

*

Nós temos um ditado em Khmer: “Se um pai morre, as crianças comem arroz com peixe. Se uma mãe morre, as crianças dormem sobre uma folha”. Quando você perde a sua mãe, você perde tudo. Ela é o teto acima da sua cabeça e o arroz dentro da sua tigela.

Eu me castigava por depender tão completamente da minha mãe e da minha irmã. Não fazia ideia do que fazer agora — Mae não estava lá para me dizer. Mas algo que

ela tinha dito uma vez entrou flutuando na minha cabeça: “Posso encher um saco de arroz de cinquenta quilos com os seus sapatos e usá-los para cozinhar por muito tempo!”.

Ela estava certa: os tamancos brilhantes de madeira encheram o saco de arroz até a boca. Eu não precisava mais de sapatos bonitos. Poderia usá-los para alimentar o fogo e economizar o dinheiro que eu gastaria com madeira. De qualquer forma, não tinha muito o que cozinhar — só arroz. Para dar “sabor”, coloquei um pouquinho de molho de peixe barato do mercado estatal.

O sapato-combustível durou um mês. Todas as noites, eu acendia alguns sapatos e cozinhou uma panelinha de arroz sobre o fogo. Eu não sentia nada, nem fome. Eu não queria nada, exceto desaparecer. Eu estava consumida por pensamentos de morte. Mas suicídio era pecado. Então afastei aqueles pesadelos sombrios e me forcei a esquecer.

*

Receita: Tigela de arroz do esquecimento

Ingredientes:

1 xícara de arroz

2 xícaras de água

um saco de arroz de 20kg

panela de barro para cozinhar arroz

uma grande variedade de tamancos baratos de madeira

molho de peixe falso do mercado estatal

Preparo:

Encha um saco de arroz com dezenas de pares de tamancos idiotas que você comprou para fazer você se sentir menos pobre. Eles vão servir como uma lenha excelente, como sugerido pela sua mãe. Você vai comer só arroz no jantar de agora em diante, para esticar as poucas economias que te sobraram. Tempere o arroz com aquele molho de peixe péssimo, barato e falso da loja estatal comunista, aquele que tem gosto de sal e glutamato monossódico e nada a ver com peixe.

Não importa o sabor que ele tenha. Chega de indulgências. Não é para você o molho de peixe tailandês delicioso que sua mãe sempre comprava, uma de suas poucas extravagâncias.

Misture a água e o arroz na panela de barro, ferva-os sobre o fogo, depois os deixe cozinhar em fogo baixo. Fique à vontade para deixar o arroz cozinhar demais. Deixe queimar e ficar preto nas beiradas, como você fazia quando era pequena.

Queime os sapatos, queime o arroz. Queime a suavidade da menina mimada. Queime a memória da sua mãe, que estava preocupada com você, segundo a enfermeira. Aparentemente, ela não estava preocupada o suficiente: ela não a proibiu de gastar seu dinheiro com sapatos. Não a forçou a aprender um ofício. Ela viu sua suavidade e deixou você mantê-la. Era o último vestígio de sua Vida Progressa. Ela não poderia suportar perder isso também.

Queime tudo. Tanto melhor: esquecer as coisas deliciosas que vieram antes. Agora é a hora de esquecer.

Sua raiva faz as brasas acenderem, vermelhas e selvagens. Uma garota jovem e suave, sem nada, não vai sobreviver por muito tempo nas ruas de Saigon. Você não está pronta. Sua mãe sabia, e agora você também sabe.

*

Aquela garotinha delicada de Battambang desapareceu junto com o assobio suave dos trens de antigamente,



um Camboja tranquilo e o resto da minha família. Os mais velhos diriam que a criatura que a substituiu é uma mulher cambojana muito imprópria. Ela não adere às “Regras para Mulheres” (*Chbab Srey*), os versos didáticos que as garotas estudam na escola.

Minha querida filha, nunca se esqueça:

Você deve servir seu marido.

Não o deixe insatisfeito...

Lembre-se de que você é uma mulher

Não diga nada que sugira que você seja igual a ele.

Uma boa mulher asiática deve ter um brilho difuso, como uma lua, e refletir a luz do sol de seu marido. As saias dela não podem fazer barulho quando ela anda. Ela não pode mostrar raiva. Até seu riso deve ser calmo e contido.

Quando conheci meu futuro marido, Chan, tentei ser essa mulher-lua prateada. Nos nossos primeiros anos juntos — fugindo de Saigon, depois esperando anos em campos de refugiados —, me esforcei para seguir o *Chbab Srey*. Mas descobri que a obediência não poderia ser trocada por arroz e era, portanto, inútil. “Você não é uma mulher asiática de jeito nenhum”, Chan me disse uma vez, rindo de sua meia-piada.

Meus pais devem ter desejado uma vida de lua para mim. Caso contrário, por que teriam me dado o nome de Chantha, “a luz da lua?”

Minha família deixou o mundo antes que eu pudesse decepioná-la.

Nós temos um ditado no Camboja: “Homens são como ouro; mulheres são como lenços”. Significa que homens são um tesouro e mulheres podem ser jogadas fora muito facilmente. Mas, mais do que isso, significa que, quando um homem cai na lama, ele pode ser polido e limpo, mas a mulher estará suja para sempre.

Mas sei disso: não sou mais dobrável como o tecido. Tornei-me dura como diamante. Eu não tinha escolha.

No Camboja, quem tem tempo para ser suave e prateada? Tem muito trabalho para fazer. Nós não podemos esperar a permissão de um homem para sobreviver. Nós temos que brilhar como sóis e reluzir como diamantes. Sempre me perguntei por que, em um país pobre onde mulheres trabalham tão duro quanto os homens para alimentar suas crias, a suavidade feminina é tão altamente premiada. Quanto a mim, não considero isso um atributo valioso.

Talvez por isso eu não tenha morrido em nenhuma das vezes que deveria, ou até das vezes em que eu queria. Talvez a Morte não tenha conseguido me encontrar quando Saigon caiu, ou na floresta, quando eu gritava a minha raiva da malária em uma parede de chuva. Talvez a Morte estivesse procurando por uma mulher chamada Chantha. Eu mal me parecia com ela, então estou supondo que aquela cretina não tenha me reconhecido.

Além disso, naquele tempo, na Indochina, ela estava ocupada com outros clientes. Ela estava muito atarefada, levando um quarto da população cambojana para valas comuns, esvaziando salas de aula de rapazes do colegial de Saigon e buscando os membros da minha família, um por um.

A Morte era uma *masterchef* e tinha muitas receitas para transformar garotas suaves e mimadas em pedras preciosas. Essa é a que conheço melhor: é uma alquimia infalível e não tem como dar errado (desde que o primeiro ingrediente sobreviva ao processo de mistura violenta sem se desnaturar).

Receita: Como transformar algodão em diamante

Ingredientes:

uma menininha mimada

2 revoluções comunistas

2 guerras civis

1 genocídio

Pegue uma menina bem alimentada de nove anos com uma grande família e uma fina educação escolar Francesa-Católica. Envolve em 2 revoluções, 2 guerras civis e 1 extermínio integral. Separe-a de sua casa, de seu país e de uma fonte confiável de comida.

Lentamente, retire os pequenos luxos, economias e membros da família até que todos desapareçam. Vá raspando os sonhos de infância até que só reste a subsistência.

*

Os primeiros nove anos da minha vida foram bonitos, mágicos, uma perfeição. Guardo minhas memórias deliciosas da cozinha de Battambang como um baú de ouro enterrado. Essas imagens viraram minhas receitas para construir um futuro.

Mas talvez os anos de perda também tenham sido presentes. Eles me ensinaram isso: uma vez que você tenha aprendido a perder tudo, não haverá mais nada a temer. O coração de uma mulher pobre fica mais corajoso à medida que suas opções diminuem. Ela não tem escolha a não ser tomar atitudes ousadas, correr riscos loucos, desafiar o destino.

A receita para uma Chantha é muito complicada e requer muitos passos.

Às vezes me pergunto o quão diferente minha vida teria sido se minha mãe tivesse vivido por mais dez anos. Eu teria ido parar em campos de refugiados ou garimpado rubis na floresta?

Eu teria criado um centro de tecelagem para mulheres em Stung Treng, Camboja?

Por muito tempo, fui consumida pela ideia de que Mae tinha fracassado em me endurecer para o mundo fora da cozinha. Quando eu tinha 24 anos e acabado de me ver sozinha (e sonhando com um saco de arroz), eu precisava da força de um macarrão instantâneo, a esperança de um ladrão que me alimentaria na hora. No lugar disso, minha mãe me deu uma receita de “Slow Noodles”, com ingredientes que precisariam de anos para cozinhar e se misturarem. Hoje, enquanto me agacho diante da churrasqueira do meu pequeno quintal em Phnom Penh, a fumaça do carvão clama pelas lições de Mae: não só sobre como preparar um caldo perfeitamente claro e o macarrão *banh canh* feito à mão, mas também por que eu devo sempre fazer um pouco a mais para compartilhar.

O passado não pode ser apagado tão facilmente. Minha própria história segue em frente, carregada pela fumaça da fogueira de carvão que me lembra da minha mãe, que já se foi há muito tempo.

*

Um vidente em Saigon me disse que, nas horas mais sombrias da vida, cozinhar e costurar me segurariam. Sua previsão se provou verdadeira de formas inesperadas: trabalhei como cozinheira em um bordel e enfermeira de sutura em um campo de refugiados, como fazedora de tofu e tecelã de seda. Estive dentro da pobreza e fora de novo. Sei como mostrar para outras mulheres como se faz. E este se tornou o trabalho da minha vida: um centro

de tecelagem e negócio social para mulheres em Stung Treng, uma província rural no nordeste do Camboja.

Nosso minúsculo oásis de autossuficiência é um pequeno conjunto de construções ao ar livre que eu e Chan montamos em meio à vegetação exuberante. Há uma placa desbotada na entrada, escrita à mão em inglês e em khmer: “Centro de Desenvolvimento de Mulheres de Stung Treng”. Em qualquer dia comum, uma professora de jardim de infância dá aulas musicais às crianças, e, em uma estrutura ventilada, banhada pelo sol, mulheres tecem fios de seda em teares de madeira.

De cada tecelã e fiandeira, segundo sua capacidade; a elas, segundo sua necessidade — esse é o meu sonho. Não sou comunista; aprendi em Saigon que não existe Utopia. Mas o que há de errado em criar um espaço de segurança, onde a suavidade não se prova fatal? Onde nós, mulheres de Stung Treng, podemos transformar nossa dor em força? Onde nós possamos construir um novo Camboja sobre as cinzas do antigo?

Juntas, nós estamos aprendendo que é melhor uma mulher buscar sua própria luz dourada, como um sol. Nós somos, espero, um novo tipo de mulher cambojana — fortes e suaves ao mesmo tempo. E terrivelmente impróprias.

Assim como Mae.



Chantha Nguon nasceu no Camboja e passou duas décadas como refugiada até poder finalmente voltar para a sua terra natal. Ela é a cofundadora da Mekong Blue e do Centro de Desenvolvimento de Mulheres de Stung Treng (SWDC), um negócio social que oferece um salário digno, educação e serviços sociais para mulheres e suas famílias no nordeste rural do Camboja. Uma palestrante frequente, ela já discursou em universidades e em programas de rádio e TV, incluindo o Morning Edition, da NPR. Ela cozinha frequentemente para amigos e para a família em eventos privados.

Kim Green é uma escritora premiada e produtora de rádio baseada em Nashville. Seu trabalho já apareceu na *Fast Company*, no *New York Times*, na Weekend Edition da NPR, no *Marketplace* e no *The New Yorker Radio Hour*. Ela é piloto licenciada e já foi instrutora de voo. Seu trabalho está disponível no blog The Greenery.

Thaís Cunha nasceu em Brasília (DF) e mora em Milão. É escritora e jornalista e está terminando seu primeiro livro de ensaios.

Este ensaio reúne trechos do livro que escreveram juntas, *Slow Noodles*, e foi originalmente publicado na revista *Hippocampus*, onde foi eleito como o Melhor Ensaio Pessoal pela Longreads.



GURU PEPECO

Mito em vida, obscuro em morte?

Carlos Alberto “Pepeco” é um ex-jogador de futebol de carreira pouco memorável, mas com um passado suficientemente desastroso para virar lenda. Ao menos, é aquilo em que o RelevO – única fonte registrada sobre a vida de Pepeco – tenta acreditar, tal qual um amante em busca da titularidade afetiva.

A biografia esportiva de Pepeco é vasta, cobrindo desde Código Penal até o desmatamento. Inclui passagens pelo Fluminense, acusações de jogar sob efeito de drogas, acusações de *não* jogar sob efeito de drogas e o célebre “Incidente do Loló”, na semifinal da Taça Guanabara de 1993. Depois da aposentadoria, ainda tentou trabalhar nas categorias de base do Volta Redonda, mas foi dispensado após novas acusações envolvendo entorpecentes (e um pouquinho de Jogo do Bicho). Pepeco nega ter feito parte da Máfia do Docinho Escolar.

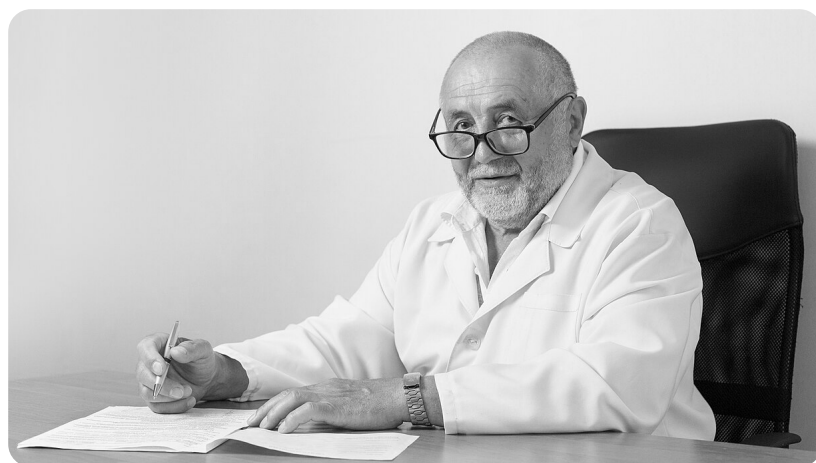
Ao leitor que não conhece, não lembra ou simplesmente ignora Pepeco, recordamos que a grande virada do maior trambiqueiro do Rio de Janeiro (aqui reconhecemos o exagero de nossa

parte) aconteceu em 2017, quando Pepeco assumiu, praticamente por acidente, a presidência da recém-criada Confederação Brasileira de Medicina – CMBN. Ele próprio conta que recebeu o convite durante um churrasco universitário, feito por um médico (“os melhores testadores de novas substâncias, a vanguarda da nóia”) enquanto ele também estava “pinelzinho” [*sic*], inclusive distribuindo diagnósticos e assinando atestados.

Na presidência, Pepeco decidiu administrar a Medicina como se ela fosse futebol. Criou antidoping para trabalhos acadêmicos, árbitros dentro de hospitais, cartões para profissionais de saúde e a possibilidade de anular cirurgias por impedimento. Sua administração deixou centenas de milhões em dívidas e chegou a cogitar uma loteria medicinal, a LotoArtéria. Paralelamente, sua capacidade de endividamento chamou a atenção do Clube Atlético Mineiro, que chegou a cogitá-lo como candidato de uma frente única contra quem ocupava o cargo à época (não pesquisamos). Pepeco teria recusado por superstição depois de jogar no Galo na Banca do Ermírio e perder. “O que demonstra o meu

afastamento da Máfi... do Jogo do Bicho”, esclarece.

Por algum tempo, porém, o desastre funcionou a seu favor. Pepeco transformou a própria ignorância em capital popular: foi percebido como espontâneo, “politicamente incorreto” e contrário aos especialistas. Quando finalmente perdeu a presidência da CMBN, também começou a perder essa aura – o que os jovens atuais talvez chamem de “desfamar” aura, e nós, do RelevO, chamamos de efeito a longo prazo de cheirar pó em colo de puta. Pepeco deixou de representar o sujeito que enfrenta “o sistema” e passou a parecer simplesmente um barrigudo perdido ocupando lugares para os quais jamais esteve preparado. Como homens capazes de se reinventar (Picasso, Bowie, Alexandre Frota), é aí que começa sua segunda fase: Pepeco se torna especialista em qualquer coisa. Em 2022, depois de prisões diversas, reapareceu comentando a guerra entre Rússia e Ucrânia como se analisasse uma partida de futebol: diante de uma guerra, prevê “empate sem gols”. A Copa do Qatar oferece outra reinvenção. Pepeco vira garoto-propaganda de campanhas de gosto duvidoso e encontra um novo



nicho profissional: gritar frases em propagandas curtas para celular.

Em 2024, entrou definitivamente no universo do empreendedorismo delirante. Tornou-se proprietário da AstroBet, casa de apostas que combina esportes e astrologia e patrocina o igualmente absurdo cosmopol, “metaesporte que mistura todos os outros esportes”. É também nesse universo que começa a aparecer a dimensão mística de Pepeco — inclusive com a ayahuasca e a visão na qual “deixa de simplesmente contemplar Pelé e passa a ser Pelé enquanto Edson o observa”. Finalmente, em 2026, ocorre sua transformação mais radical: Pepeco deixa simbolicamente de ser pessoa para tornar-se empresa. Surge a Pepeco™, negociada sob o código fictício PECO10, uma “super MEI” que atua simultaneamente em entretenimento; construção civil; previdência privada; arbitragem médica; criptomonedas e frases motivacionais para caminhões. Seu lema empresarial resume perfeitamente sua filosofia: “confia no processo, mas paga adiantado”.

Não obstante, a experiência termina em novo desastre. Uma transmissão da PepecoTV desanda por filtros comprometedores, senhas vazadas pelo próprio Pepeco e uma audiência insignificante. AstroBet fecha, PepecoTV desaparece, a CMBN já não existe e o país aparentemente perde o interesse nele. O único que continua interessado é, naturalmente, o RelevO.

Quem Pepeco se tornou, afinal? Onde foi parar Pepeco no pós-Copa? Pois encontramos Pepeco, e é aí que as coisas ficam ainda mais desinteressantes.

GURU PEPECO: A CALMA PEDE A TEMPESTADE

Estaria Pepeco, pela primeira vez em sua trajetória, fazendo sucesso sem enganar pessoas que não querem ser enganadas? É o que ele próprio

garante — e concordamos, principalmente porque não queríamos perder a entrevista.

Depois do colapso da Pepeco™, Carlos Alberto passou alguns meses desaparecido. Segundo ele, foi um “retiro voluntário de descompressão do ego”. Já segundo os documentos a que tivemos acesso — porque tudo estava jogado no chão de sua sala sem móveis, mesas ou cadeiras (Pepeco então morava na casa de um

cunhado em Saquarema) —, foi ordenado monge.

“Quando você tenta saber, você já não sabe”, explicou.

Não entendemos.

“Exatamente.”

Pepeco é um guru diplomado.

Aos 50 e tantos anos — Pepeco contesta a idade registrada em cartório porque “tempo é o anti-transcendentalismo; não sou linear” e porque isso aparentemente ajuda no Tinder —, o ex-atacante começou a publicar vídeos curtos sobre propósito, prosperidade; relacionamentos; disciplina; masculinidade; espiritualidade; mercado financeiro e posicionamento sem bola. Os primeiros eram gravados sem edição, quase sempre depois do almoço. Em um deles, olhando para o mar, Pepeco permaneceu 47 segundos em silêncio antes de dizer: “às vezes o impedimento é você”. O vídeo ultrapassou um milhão de visualizações.

Pepeco percebeu que havia encontrado sua vocação.

Vieram então as palestras. Depois, os retiros. Depois, os cursos. Depois, naturalmente, a mentoria. Seu principal programa, Método PEPECO (Posicionamento Estratégico Para Evolução da Consciência Oculta), promete ensinar o estudante a “sair da reserva da própria vida” em quatro encontros online e uma pelada opcional. Há ainda o retiro Desimpedido, realizado em hotéis-fazenda cuja localização só é revelada aos inscritos, no qual os participantes passam um fim de se-

mana sem celular, carne vermelha, negatividade e marcação individual.

Curiosamente, funciona.

Não no sentido terapêutico, científico, financeiro, espiritual ou em qualquer outro que possa ser posteriormente utilizado contra nós. Mas funciona comercialmente.

As sessões lotam. Os vídeos circulam. Empresários o contratam. Jogadores aposentados repostam suas frases. Influenciadores aparecem abraçados, apontando o dedo para Pepeco, dizendo que “esse cara mudou minha visão”. Pepeco já foi convidado para falar sobre liderança, inovação, resiliência, alta performance e, numa convenção de uma rede de farmácias, saúde integral — o que representa seu primeiro retorno à medicina desde que foi judicialmente aconselhado a manter distância dela. Foi ovacionado.

O fenômeno talvez seja explicado por uma descoberta surpreendente: Pepeco finalmente encontrou pessoas que sabem exatamente quem ele é, e ainda assim o querem.

Ninguém compra uma mentoria esperando encontrar Freud, Buda ou Bernardinho. Compra para ouvir um ex-jogador que administrou hospitais com cartões amarelos, abriu uma casa de apostas astrológicas, transformou o próprio nome numa empresa e afirma ter encontrado Pelé dentro de si depois de tomar ayahuasca. Pela primeira vez, o absurdo não está escondido nas letras miúdas. O absurdo é o produto.

E Pepeco parece confortável com isso.

“Antigamente eu vendia uma parada e tinha que ficar explicando depois por que não era exatamente aquela parada. Agora eu já falo que a parada é uma parada e o cara compra a parada sabendo da parada. Isso aí é transparência, sacou?”

É difícil discordar.

Talvez esteja aí a primeira contribuição genuína de Carlos Alberto Pepeco ao pensamento brasileiro.

Depois de passar a vida procurando uma atividade em que sua falta de conhecimento fosse um problema, Pepeco finalmente encontrou uma em que ela pode ser apresentada como método. Contradição virou complexidade. Falência virou resiliência. Ignorância virou intuição. Ayahuasca virou *anti bad vibe shield*. Não saber responder virou “devolver a pergunta”. E décadas tomando decisões ruins passaram a ser chamadas de “uma trajetória não linear de aprendizagem”. Pepeco ensina.





Este calor nuclear

Homens, eu vos amei. Vigiai!
— Julius Fucik

Lembro exatamente onde eu estava na primeira vez que ouvi *Deceit* (1981), de *This Heat* (...). Lembro exatamente como me senti — e, mais estranho, lembro exatamente a descrição de como me senti. Como se tivesse anotado e relido, mas sem tê-lo feito. Talvez porque o álbum tenha imediatamente me chocado à sua maneira, e eu logo tratei de me esforçar para por em palavras aquele primeiro contato.

Era 2013 ou 2014, acredito eu. Estava em casa (à época, a dos meus pais), mais precisamente na sala (incomum). Usava um *laptop*, um vermelho (com adesivo do Defenestrando – bons tempos!). Era noite. Dispunha de fones de ouvido. Motivado pela leitura de *Rip It Up and Start Again* (2005), de Simon Reynolds, apaguei as luzes (incomum também) e dei *play*.

Foi o mais próximo que senti de *medo* ao escutar um disco. Aquele horror cósmico, sensação de desamparo existencial. Mas não o de um monstro lovecraftiano, e sim algo mais... humano? A sensação — e a descrição (lamento pela limitação das minhas ferramentas) — era a de cruzar uma ponte no breu, sem saber o que havia em frente e embaixo.

Era isso. Um breu absoluto, uma ponte, eu atravessando sozinho. *Deceit* me formou essa imagem, e eu nunca tinha enxergado algo similar, que dirá com um disco. Também não me lembro de atravessar uma ponte à noite, no breu, muito menos sem saber o que havia em frente; muito menos sem saber o que havia embaixo. Enfim, a arte.

E *Deceit* é arte de altíssimo nível. Engenhosidade pura, a aplicação de um conceito vivo a despeito de qualquer limitação técnica/estrutural. O famoso “tem verdade”. O álbum me marcou mais que outros tantos que me agradam mais; que ouço ou ouvi muito mais. *Deceit* foi um marco e nunca deixou de sê-lo; uma espécie de assombração para a qual retorno esporadicamente. Não é o resultado mais melódico, nem o mais lírico, nem o mais produzido, nem o mais texturizado¹.

A capa ilustra esse terror maravilhosamente.

E que terror afinal movia o calor? This Heat era um trio composto de três multi-instrumentistas, mas, principalmente, três almas criativas. Do que me lembro (e posso estar enganado), Gareth Williams (baixo/voz) era a locomotiva conceitual do grupo. Um texto de The Quietus (sobre *Flaming Tunes*, o outro projeto de Williams) reforça a ideia:

“Embora seja difícil atribuir qualidades específicas a músicos de um trio tão colaborativo e experimental quanto o This Heat, tudo indica que Gareth Williams era o curinga do grupo. Justamente o elemento caótico que Charles Hayward e Charles Bullen — dois egressos do prog rock desiludidos com o gênero — precisavam, ele parecia ser uma mistura exata de Brian Eno e Teo Macero, explorando o acaso e a ingenuidade para depois emendar os resultados, dando uma vida nova e misteriosa ao estúdio. Os sons encontrados, as percussões de sucata e os instrumentos de brinquedo de Williams trouxeram uma ludicidade muito necessária à sobrecarga apocalíptica da banda, enraizando-a nas fraquezas humanas e sugerindo que há vida em meio às ruínas.”

**E N C L A V E**a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:

<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

O primeiro disco do grupo (autointitulado, 1979) é abstrato. Excessivamente abstrato para meu paladar — aquilo que às vezes chamam (não eu!) de “interessante” ou, pior ainda, “necessário”, mas que podemos fechar em “experimental”. Há ótimas ideias, recursos *interessantes* (rá!); tem dor, inventividade, engenhosidade (principalmente ‘24 Track Loop’, a mais marcante²).

Deceit, o segundo, não é exatamente palatável, mas, digamos, consegue se comunicar um pouco mais com ambientes alheios a jovens efervescentes tentando quebrar a música. Gravado num frigorífico desativado, é um produto do pós-punk e, principalmente, da Guerra Fria³ elevado ao volume 11 (*up to eleven*). Conta-se — isto é, os próprios integrantes relataram — que eles estavam aterrorizados com a possibilidade de uma guerra nuclear. A questão é que o disco consegue traduzir isso.

Portanto, trata-se de um álbum altamente político, mas não tipicamente político. Temáticas políticas podem se centrar muito em letras (às vezes, inclusive, utilizando sua inambiguidade como muleta) e/ou então criar *qualquer coisa* do ponto de vista técnico (o que tudo bem, afinal *posicionamento*). Não é o caso de This Heat/*Deceit*, lançado pela Rough Trade Records, que soa como o apocalipse nuclear. A *Waste Land* de T. S. Eliot⁴; um *Cântico para Leibowitz*; o deserto de *Mad Max*; *Fallout*. O horror (o horror, o horror) de Conrad.

Quarenta e cinco anos depois, afinal, há motivos para este coração das trevas permanecer tão aterrorizante quanto atual (...outro adjetivo maldito). Tão atemporal. *Deceit* ainda tem o som do futuro. Analógico, fragmentado, caótico. O ruído estático numa sinfonia de detritos.

E este calor começa com a hipnose de ‘Sleep’, seguido pelo pesadelo brilhante de ‘Paper Hats’. Talvez você também sentirá o horror, o medo e a travessia no escuro. Talvez você se lembrará — ou já se lembre — da primeira vez em que escutou *Deceit*. Talvez nós todos explodamos em breve (não com um suspiro, mas com uma explosão mesmo), e a obra de This Heat terá apenas reforçado como somos realmente muito ociosos.

Bônus 1: de uma entrevista de Simon Reynolds com Charles Hayward: “Charles Bullen e eu colecionávamos pilhas de instrumentos quebrados. Nós conseguíamos pianos de brinquedo quebrados, bonecas falantes que funcionavam pela metade. E estávamos fazendo *sampling* muito antes de sua existência real.”

Bônus 2: This Heat acabou porque Gareth Williams decidiu ir à Índia estudar a dança Kathakali. Hayward foi adiante com a *Camberwell Now* e tocou em outros (vários) projetos.

Bônus 3: ouvir ‘Nothing on’, dilacerante e tenra música de Gareth Williams não lançada oficialmente. Ele também formou o *Flaming Tunes* com Mary Currie (não aquela). Williams morreu de câncer em 2001.

¹ Texturizado? O que isso quer dizer? Não sei; Kraftwerk é melódico e texturizado. E produzido, claro; Jobim também. Este autor se esforçou bastante para não pensar e, conseqüentemente, conseguir publicar.

² “A peça central do álbum de estreia do This Heat, ‘24 Track Loop’, é uma faixa pioneira no uso de *loops* de fita para formar a base de uma música, utilizando essencialmente fita analógica de duas polegadas como um dispositivo de amostragem primitivo. A atmosfera sombria e gélida da faixa a coloca na mesma categoria dos artistas pós-punk e industriais da época, mas há também algo de muito estranho nela. É quase como uma abordagem pós-punk do Miles Davis da era dos anos 70, que também usava *loops* de fita e métodos de recortar e colar para reconstruir novos *grooves*. Tudo o que se precisava saber sobre os métodos estranhos e não convencionais usados pelo This Heat podia ser encontrado em ‘24 Track Loop’, uma faixa que é tanto uma curiosidade quanto uma revelação. No entanto, é também a peça musical mais acessível do álbum de estreia autointitulado do grupo, lançado em 1979, que justapunha canções totalmente estruturadas com longos períodos de improvisação.” — Treble, 2016.

³ Não confundir com “Guerra Fria: a balada que uniu o mundo” (centrais do **RelevO** de out/22).

⁴ Eliot apresenta a ‘Morte pela água’, seção mais curta de seu poema. This Heat nos oferece ‘A new kind of water’ (Um novo tipo de água), já um “*bubble bath rain*” (chuva de banho de espuma/ácida) e um “*acrid stench*” (odor acre), cconseqüência do progresso material cego.



O Sul & as Margens

LITERATURA, MEMÓRIA E ESCRITA SUL-AMERICANA

Curadoria de Sofia Moura Donato

Emília Freitas

Trecho de *A rainha do ignoto*

— Irmãs na fé, irmãs no desterro, a soberana do Ignoto, a musa do Nevoeiro, vos faz saber que a sessão de hoje não é a sessão ordinária, adstrita às cerimônias da lei; é uma sessão livre, extraordinária, na qual ela deseja dizer algumas palavras a muitas de suas paladinas. Dentro de três dias partiremos para os assaltos do bem, vamos guerrear a injustiça, proteger o fraco contra o forte, entrar nos cárceres para curar os enfermos, lançar-nos às ondas para salvar os naufragos e atirar-nos aos incêndios para lhes arrebatrar as vítimas! Quem não estiver pronta a perder a vida pela fé jurada, pode assinar seu nome no livro da covardia.

E apontou para um grande livro, em forma de morcego, de folhas negras, que estava aberto em cima de uma mesa, no meio da sala.

Nem uma se adiantou para o livro, então a secretária da sociedade disse:

— Venha a primeira ordem, as paladinas que têm por divisa — Submissão e Vontade.

Adiantaram-se diversos grupos de treze cada um, mas só uma delas possuía o grau treze: era uma moça loura de olhos azuis e lânguidos; tomou a frente e inclinou-se diante da rainha.

— Tende, por vós ou por vossas companheiras, disse esta, alguma queixa a fazer-me ou alguma graça a pedir-me?

— A graça que tenho a pedir por mim e por minhas companheiras, disse ela, é a de continuar a vos servir por toda a nossa vida.

— Voltai, disse a rainha com bondade, e trabalhai por ganhar o primeiro grau da segunda ordem - Trabalho e Coragem.

Adiantou-se a segunda, dividida em grupos de dez, cada um justado desde o primeiro grau até ao décimo, que cabia à mestra do ofício ou da indústria que exerciam, conforme o merecimento.

O Dr. Edmundo reconheceu logo a barqueira e a norte-americana maquinista do caminho de ferro subterrâneo.

O maior grau desta ordem era o da engenheira-diretora da estrada de ferro e das fábricas, que era também norte-americana, baixa e gorda, muito vermelha e já idosa, falou em inglês:

— *God save the Queen of the meadows. I am grateful for your kindness. You are adored by your people, and I am the representer of the fidelity of the servants Queen's.*¹

A rainha respondeu no mesmo idioma:

— *I thank you, Constance Herriel, you are a favorite of mines.*²

Veio a terceira ordem composta do exército de terra e de mar, e trazia na bandeira: — Intrepidez e Sutileza.

À frente de uma divisão estava a generalíssima

Marta Vieira, aquela bela moça de quem falou Probo em sua narração; à frente das marinheiras estava Inês Racy com o título de almiranta.

As paladinas desta fração vestiam à turca, da outra à indiana: ali havia todos os postos do exército e da marinha dos países civilizados, com a diferença de que não eram ganhos nem por vilanias nem por inúteis derramamentos de sangue; se obtinha as promoções enxugando lágrimas, salvando vidas, frustrando planos nocivos e evitando crimes: era isto o que chamavam assaltos do bem. ✨



Emília Freitas nasceu em 11 de janeiro de 1855, em Aracati, no Ceará. Foi a autora do que se considera o primeiro romance de realismo fantástico no Brasil, *A Rainha do Ignoto* (1899). Sempre esteve presente nos círculos culturais e libertadores de seu tempo, publicando em jornais e recitando seus poemas em eventos. Também fundou, com seu marido, o primeiro jornal espírita do Ceará. Morreu em 18 de outubro de 1908, em Manaus.

Em *Rainha do Ignoto*, Emília se debruça sobre um universo extremamente moderno para a sua época. É um mundo completamente dominado pelo feminino, no qual a personagem principal e as mulheres que regem ao seu lado na Ilha do Ignoto (generais, comandantes, cientistas e médicas) armam-se de hipnotismo, espiritismo e aparentes pactos com fadas e demônios para batalhar contra a injustiça e defender os fracos.

A autora elabora uma crítica à sociedade que a cercava, extremamente patriarcal e, ainda recentemente, escravocrata. Ora, uma ilha onde apenas mulheres vivem e se auto-governam, onde usam de misticismos e satanismos para lutar contra os fortes? Em um mercado literário em que imperavam as vozes burguesas, Emília ousa ao fazer de sua escrita um espaço de liberdade. Resgatar seu trabalho é lembrar que nós, mulheres, jamais devemos pedir desculpas pela coragem de ocupar espaços que nos foram negados.

1. Deus salve a Rainha das pradarias. Sou grata pela sua bondade. Vossa Majestade é adorada pelo seu povo, e eu represento a lealdade dos servos da Rainha.
2. Eu lhe agradeço, Constance Herriel. Você é uma de minhas favoritas.

Grandes vozes
da América Latina
em português.

Destaques do acervo:

Conversas com
Mario Levrero

Pablo Silva
Olazábal

Os ditadores
latino-americanos

Ángel Rama

O mundo
de Então

Martín
Caparrós

A máquina
cultural

Beatriz Sarlo

Leia o
QR Code
e garanta **20%**
de DESCONTO
com o Cupom
“**RELEVO20**”



editoracorage.com.br



editora
coragem



Teresa Cárdenas

Traduções de Eliana Aguiar

Trecho de *Cartas para a minha mãe*

A. Mamita:

Me han puesto en la escuela de aquí. No me gusta nada. Le falta luz. Soy la niña más alta y prieta del aula. Quizás la más triste. Una de las niñas se llama Sara. Es clara de piel. No sé por qué. Su papá no es así. ¿Te acuerdas del carpintero Pedro? Pues, el padre de Sara es igual y ¡cuidado! Yo creo que siente vergüenza porque cuando va a la escuela, a recogerla o a hablar con la maestra, Sara se hace la desentendida y se aparta un poco para que los demás piensen que no vienen juntos. Un hijo no debe sentir vergüenza porque su papá sea como el carpintero Pedro. El cariño no tiene que ver con el color. Algunos niños le dicen a Sara que se quiere hacer blanca, y que es “piola” porque le gusta Roberto, un blanquito del aula. Me parece que entre todos nosotros, la más desgraciada es Sara.

Mãezinha, resolveram me colocar na escola daqui. Não gostei nem um pouco. Tem pouca luz lá. Sou a menina mais alta e mais preta da sala. Talvez a mais triste também. Uma das meninas se chama Sara. É clara de pele. Não sei por quê. Seu pai não é claro como ela. Lembra o carpinteiro Pedro? Pois o pai de Sara é igual a ele e — atenção! — acho que ela sente vergonha, porque quando ele aparece na escola, para buscá-la ou conversar com a professora, Sara se faz de desentendida e se afasta um pouco para que os outros pensem que não vêm juntos. Um filho não deve sentir vergonha porque seu pai se parece com o carpinteiro Pedro. O amor não tem nada a ver com a cor. Alguns meninos disseram a Sara que ela quer se passar por branca e que é *piola*, porque gosta do Roberto, um menino branquinho da nossa turma. Acho que, de todos nós, a mais infeliz é Sara.

B. Mamita:

Hoy es tu cumpleaños. Cumples treinta y siete años. En la casa no dicen nada, pero sé que se acuerdan. Abuela trajo un retrato tuyo que nunca había visto. Pareces una niña. Tienes los labios apretados como si estuvieras brava.

Debajo del retrato pusieron jazmines en flor, tus preferidos. Tía no me ha dejado trabajar. Ella misma hizo el desayuno y limpió la casa.

Tal parece que es el día de los milagros.

Mãezinha,

Hoje é o seu aniversário. Está fazendo trinta e sete anos. Ninguém disse nada em casa, mas tenho certeza de que se lembram. Vovó trouxe um retrato seu que eu nunca tinha visto. Você parece uma menina e está com os lábios apertados como se estivesse muito zangada.

Embaixo do retrato, colocaram jasmims, suas flores preferidas. Titia não me deixou trabalhar. Ela mesma fez o café da manhã e arrumou a casa.

Parece até que é o dia dos milagros.

C. Mamita:

Anoche volví a soñar contigo. Me decías adiós.

Creo que al fin, como diría Menú, la luz llegó a tu alma y tu espíritu se está elevando.

Estabas allí, con tu papalote, sonriéndome.

Entonces, de pronto, empezaste a crecer y a crecer y te convertiste en miles de pajaritos que llenaron el cielo.

Mamá, aunque quisiera que estuvieras aquí, conmi-go, y no allá tan lejos, quiero que sepas que te perdono.

Te perdono por los días que no estuviste conmigo y los que faltan aún. Sé que desde el cielo cuidarás de mí.

No te preocupes. Estoy bien. Pronto encontraremos a papa. Todo quedará atrás.

Ya nos veremos algún día, mamá.

Adiós.

Te quiero mucho..

TU HIJA

Mãezinha,

Esta noite voltei a sonhar com você, que me dava adeus.

Acho que finalmente, como diria Menú, a luz chegou à sua alma e seu espírito está se elevando.

Você estava lá, com sua pipa, sorrindo para mim.

Então, de repente, você começou a crescer e se transformou em milhares de passarinhos que encheram o céu.

Mamãe, embora preferisse ter você aqui comigo e não aí, tão distante, quero que saiba que eu perdoo você.

Perdoo pelos dias em que você não esteve a meu lado e pelos que ainda faltam. Sei que vai cuidar de mim aí do céu.

Não se preocupe. Eu estou bem. E logo encontraremos papai.

Tudo ficará para trás.

E nós nos veremos algum dia, mãezinha. Adeus.

Eu a amo muito...

SUA FILHA 🌻



Teresa Cárdenas nasceu em Matanzas, Cuba, em 1970. Sua escrita atravessa crianças, adolescentes e adultos. Além de escrever, também é atriz e contadora de histórias. Essa tradição oral é muito presente em suas obras, voltadas, em sua maioria, ao público juvenil. Dentre suas produções, se destacam *Cartas para a minha mãe*, publicado em Cuba, Canadá, Estados Unidos, Suécia e no Brasil, e *Cachorro velho*, que recebeu inúmeros prêmios, incluindo o Prêmio Casa de las Américas em 2005.

Atualmente, a autora reside no Rio de Janeiro com seus filhos. Apesar de seu público jovem e de temas recorrentes de infância, Teresa não se esconde de abordar as dores e memórias do povo negro, em especial, das meninas negras.

Em *Cartas para a Minha Mãe*, uma jovem negra e órfã escreve cartas para sua mãe morta. Ao longo dessas correspondências, o leitor acompanha as dificuldades que ela enfrenta, como o racismo, a solidão, a discriminação e a relação conturbada com a própria família. No entanto, à medida que a narrativa avança, a protagonista constrói novas amizades, fortalece sua autoestima e conquista o respeito de quem está ao seu redor.

A partir da obra de Teresa, vemos que o desconforto e a existência no “não-lugar” para uma menina cubana são os mesmos que uma menina no Ceará, ou na Venezuela, ou na Colômbia pode sentir. Parafraseando Stephanie Patricia da Costa Evaristo, “Teresa Cárdenas é, portanto, mais do que uma escritora: é um elo entre passado e presente, uma ponte entre a experiência afrodescendente cubana e a realidade latino-americana”.



Sofia Moura Donato (2005) nasceu em Blumenau (SC) e mora em Curitiba (PR). É estudante de Jornalismo.

Karla Baptista
Nutricionista do idoso

Intestino, força e alimentação
no dia a dia

CRN-8 15569
@karlacostabap
(41) 98402-3822





Anacruse

Marcos Eduardo Ferreira Penteado

Surgem sentidos para que não se percam as datas.
Como guardaria por muito o dia em que a avó passou a viver no alto de um poste.
Mãe, a vó pode morar em cima do poste?
Esta é a vida, meu filho, o tempo oferece direitos que não são nossos. Respeite-se.
Vivendo enfim as horas de um tempo sonhado, quando não há mais satisfações em débito, a avó abotoou a saia, calçou as meias de lã - sabia que ali viria o frio -, içou-se poste acima com inimaginável habilidade.
Mãe, como uma mulher que já passou dos noventa tem forças para se segurar por tanto tempo em cima de um poste?
As dúvidas são só nossas, meu filho. Ela viveu por tanto tempo que guarda todas as respostas escondidas junto aos lenços e às receitas da farmácia.
Explicou o pai que seu peso era agora imaterial, que sua força não vinha mais de músculos de carne.
Tudo se tornou mais leve.
Não carregava mais sacolas por supermercados, números infinitos, contas na carteira de trabalho, entendimentos de novelas.
Apenas pensamentos suportáveis.
E se a vó levar um choque?
Ela não conduz mais eletricidade, meu filho, fica-se com o tempo isolado da forma de realidade que conhecemos aqui embaixo, a luz só a acerta de calor.
Quis a família comer o pão que só a avó sabia fazer. Juntaram ingredientes e ela assim o fez para agrado das pequenas cabeças que via lá de cima. Segurando-se apenas com as pernas, mexia aquela grossa massa para o espanto dos demais.
Assim que a luz acender ela desce?
Mas ela puxou o tapa-olhos e adormeceu ali mesmo, sem único movimento.
O tempo provou que a avó sabia o que estava fazendo.
Que fez o pão e nem provou, que costurou lá de cima as blusas de duas netas, que ensinou um remédio de plantas para a enxaqueca do pai.
Já era tarde.
Saiu pelo escuro, sentou-se ao pé do poste para ler ao descanso da avó.
“Vivo um crepúsculo bonito, com a suíte nº1 de Bach, para violoncelo”.
Foi sua última estrofe.
Ela gostava de Rubem Alves.

 Marcos Eduardo Ferreira Penteado (1983) nasceu em Campinas (SP) e mora atualmente em Guaxupé (MG). É escritor.

RelevO

CAÇA-PALAVRAS

Porque um dia é da caça, e outro é das palavras

M D R R W A T O O L A H U O I T O E
A N T T A S M E E U T M U E L D N I
G Y G I K R O N R T R N A O T E D A
H D O N S I N G O L F I N H O S A S
G O L F I N H O B H A O S W O T I E
T T F C M O I L I A T O L O I E T D
H O I A G O L F I N H O O E L D I E
T R N T T U B I O S L F O K P E G N
E N H Y S O A N E N H U M A I D H E
S H O E P H O H I E N P T R I L E M
S N A E W H F A C O S H N E H D I T
E W N T R H T R E W R N O E O R C H

1. Cetáceo popular do litoral brasileiro
2. Esporte caracterizado por impulsionar bolas a buracos no gramado com a ajuda de tacos, porém praticado em campo de tamanho reduzido
3. Geografia: porção de oceano que penetra na terra, um tanto maior que uma baía, porém de tamanho reduzido
4. Forma carinhosa de se referir a um automóvel de certo modelo fabricado pela Volkswagen (um dos mais vendidos pela marca no Brasil)
5. Diferença entre boto e golfinho
6. Atracar-se em luta corporal com um golfinho



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em www.caoseletras.com.br e na Amazon



Quero escrever um conto para publicar no jornal

Qualia Thomazini

Quero escrever um conto para publicar no jornal! Mas, sempre que abro meus blocos de notas, encontro histórias paradas há anos sem qualquer perspectiva de retorno... De nada importa, é só começar outra!

Tudo o que preciso é escrever um conto para publicar no jornal! 60 reais inteiros na minha conta por um conto? Que eu conte todos os casos da minha vida e mande! *Em e-mails diferentes, claro...*

E eu lá tenho tantas histórias? Quantos contos cabem na minha vida? Quiçá, uns três ou quatro... chutando alto. Cristo! Preciso viver... Urgentemente. Mas deixa isso pra outra hora! Agora é me concentrar em escrever um conto para publicar no jornal.

Dou mais uma olhada no bloco de notas recheado de textos de todos os tipos. Todos muito medíocres, se é que posso sequer chamá-los assim. Mania feia de escrever poesia sem saber métrica! Tudo o que sei é brincar de assonância e aliteração como se bastasse para um bom texto. Mas está tudo bem, não vou publicar poesia, vou publicar um conto! E para isso preciso escrever um conto.

Lembro-me de uma pequena coletânea que tentei escrever uma vez... chamava-se *Coda*. Sete minicontos, cada um em um dia da última semana

antes do mundo acabar. Ideia promissora? Me parece idiota agora. Ainda mais quando me lembro que passei algumas horas pesquisando ideias para o nome da coleção. Escolhi *Coda* me sentindo um gênio culto e intelectual por fazer uma referência a conceitos musicais dentro do texto. Já até me imaginei colocando cada dia como uma nota natural, também! Pena que não passei do dó. Talvez se tivesse terminado eu teria sete contos para publicar no jornal. Agora não tenho nenhum sequer...

Nas informações dadas no site a respeito do processo de enviar textos para publicação, diziam estar cansados de receber textos sobre “escritores tristes escrevendo sobre escrever”... Mas há como saberem que o escritor é triste? Dei algum indício de que minha vida não anda nos conformes? Talvez devesse ter enviado poesia! Escrever sobre escrever é o básico de quem não sabe bulhufas sobre escrita! Ao menos na poesia eu sinto que sei o que escrevo. Ou será que escrevo o que sinto que sei? Sei sentir, ao menos?

*

Sabe o que é? Passo dias tentando escrever um conto para publicar no jornal, mas tudo o que vomito é poesia.

★ ★ ★ ★ ★ ★

**CURADORIA
FEITA POR
PESSOAS.
NÃO
ALGORITMOS.**

★ ★ ★ ★ ★ ★

ITIBAN
COMIC SHOP DESDE 1989

AVENIDA SILVA JARDIM, 845,
REBOUÇAS, CURITIBA-PR

(41) 3232-5367

<https://tinyurl.com/hereges>

RAMITA
CAFÉS

Grãos das 5 regiões
Norte
Nordeste
Sul
Sudeste
Centro-Oeste

Campo Grande - MS

@ramitacafes

loja.ramitacafes.com.br



Gustavo Santos Kafruni

Sal [ou Gênesis]

É quartzo moído. E estranhamos
que não brilhe mais. É cristal.
Deve ser como vidro riscado, fosco e leitoso.
Feldspato também – “rocha do campo”,
o nada para quem minera, mero preenchimento
do espaço vazio entre o que vale.

Aqui e ali, conchas calcárias
nos tentam a achar que são enfeites.

O vento leva e ergue as dunas,
que têm curvas de mulher.

Nas melhores praias, a areia é
como um grande sofá de linho bege
que a mãe da gente compra,
quente e macio diante da
grande antitelevisão do mar.

O mar não foi feito para nos entreter,
nem para que saíssemos de onde estamos.
Nós é que saímos do mar.
E quem tem uma molécula de consciência,
um grão na telha que não seja feldspato,
intui que viemos do mar,
que já fomos outra coisa, não o que somos.



O mar é um abismo cheio,
deserto e floresta gigante,
tranquilizante e aterrador.
Diz-nos: tudo isto já estava aqui
muito antes.
É pura indiferença.

Podemos derrubar a Amazônia,
escavar o Olimpo todo;
não podemos nada,
com tanta água.

Parece absurdo: a vida aprendeu a respirar
afogada em água salgada,
mas antes, muito antes,
quando tudo existia sem palavra,
no silêncio de significado absoluto,
a vida existia sem ar.

Depois,
algo como uma pequena baleia
botou a cara para fora da água,
grotescamente puxou o ar.
E, muito depois, um bicho qualquer,
inventando uma palavra sem saber,
inventou a si mesmo.

Foi na beira da praia,
tendo cortado as mãos-patas
abrindo mariscos.

Aquela primeira ideia foi
como a primeira proteína autorreplicante

 **Gustavo Santos Kafruni** (1999) nasceu e mora em Porto Alegre (RS). É advogado.

https://

Febril – sinto uma febre que atravessa a parede
Quente, acelera transpassando não mais rápido o espaço
Mas comprimindo e desfibrando o tempo
Tudo ao mesmo tempo fora do espaço
Mais que linha – carrossel
Mais que vista – panorama e vertigem

Seria cubismo, não fosse pela velocidade, decididamente futurista
Risco as paredes, feitas de elétrons e fótons,
Haveria ordem, não fosse a sobreposição infinita de regras
Hoje, nenhum de nós é gente, muito menos bicho
Também não é Deus



E se, enquanto caímos, alguma coisa nos distraísse?

Em Enquanto caía me distraí, Adriana Massocato transforma a queda em percurso. Dividido em três partes, Enquanto caía, Me distraí e Farol, o livro acompanha um eu lírico que, diante daquilo que o faz desabar, se distrai com outras coisas. Entre identidade, memória, amor, criação e encontro com o outro, a queda deixa de ser apenas um lugar de colapso e passa a ser também um caminho de descoberta.

EDITORAUROUTAU.COM/ENQUANTO-CAIA-ME-DISTRAI

Enquanto caía me distraí
Adriana Massocato

Editora Urutau
84 páginas
R\$ 52,00

 @adrianamassocato



editora
NAMÍBIA

LANÇAMENTO

Coquetel Molotov: drinks para a morte

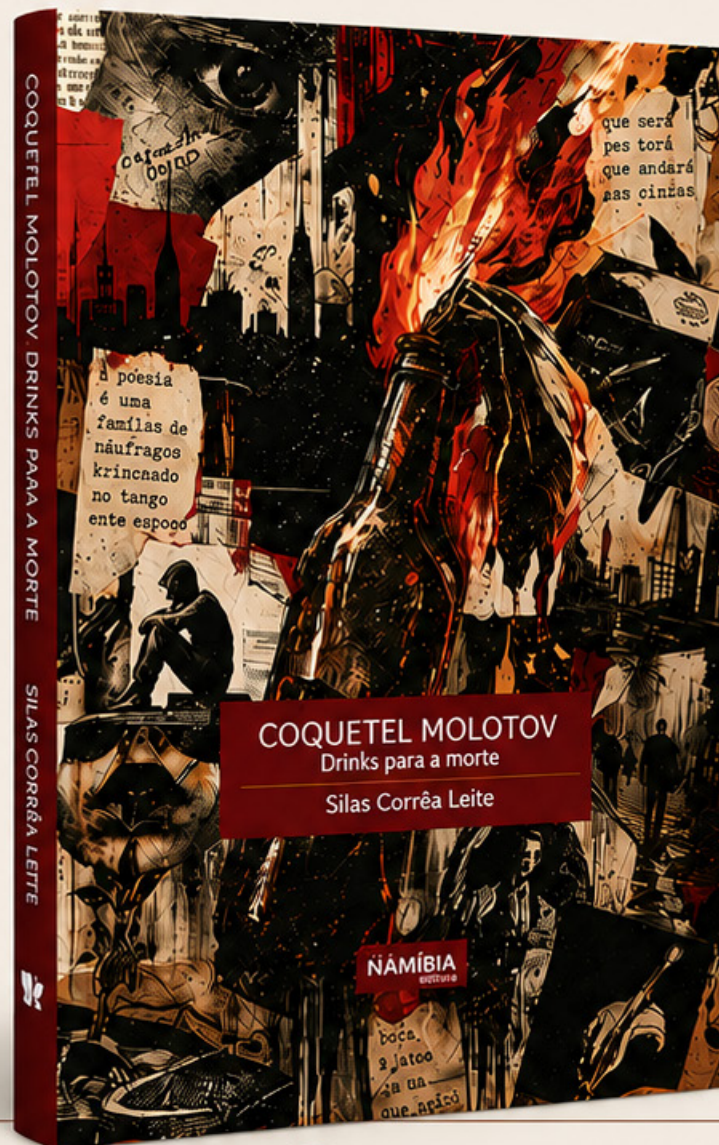
Silas Corrêa Leite

Silas Corrêa Leite transforma a palavra em combustão poética, reunindo versos que oscilam entre lirismo, crítica social e inquietação existencial. Seus poemas percorrem a dor, a morte, o amor, a solidão e os abismos do cotidiano, revelando uma escrita intensa, fragmentada e visceral. Entre referências culturais, ironia e imagens surpreendentes, a obra provoca, desconcerta e emociona, como um brinde à vida em meio ao caos.

“

Cada texto é um estilhaço dessa mistura explosiva que questiona o mundo e o próprio ato de existir. Um livro para quem busca na poesia não apenas beleza, mas também confronto, reflexão e vertigem.

”



SOBRE O AUTOR

Silas Corrêa Leite é escritor, poeta, cronista e contista.

Formado em Geografia, com especialização em Educação pela Universidade Mackenzie e pós-graduação em Literatura na Comunicação, possui extensa trajetória literária, com dezenas de livros publicados e premiações nacionais.

É membro de diversas entidades culturais e autor de obras para diferentes públicos, transitando entre poesia, conto, romance, literatura experimental e literatura juvenil.



PARA COMPRAR

Editora Namíbia
Compre online:

editoranamibia.com.br



CONTATO DO AUTOR



poesilas@terra.com.br



silascorrealeite.com



poetasilascorrealeite.com.br



SITES

silascorrealeite.com

poetasilascorrealeite.com.br

editora
NAMÍBIA

Publicamos palavras
que provocam o mundo.

Disponível nas melhores
livrarias e lojas online.



(11) 94322-4207



O Curioso Caso de Tamara Klink

Rodrigo Geraldi

Um figurão da Companhia das Letras acordou às 7h13 com 47 ligações perdidas. Às 7h16 já eram 83.

Ele atendeu.

— O que aconteceu?

— Você viu o vídeo?

— Que vídeo?

— O vídeo da Tamara.

Ele sentiu um pequeno sangramento cerebral, mas não tinha tempo para um AVC. Abriu o Instagram. Tamara Klink estava diante da câmera, sorrindo com a serenidade de quem vai anunciar uma excursão ao Polo Norte.

— Gente, eu queria pedir uma coisa muito importante, preciso ser coerente! Não comprem meu livro.

Tudo bem. Ele não conseguiu se controlar. Teve um mini AVC, rápido, quase administrativo, e voltou para o vídeo.

— Peguem emprestado. Troquem com amigos. Procurem em bibliotecas. Compartilhem. Leiam juntos.

Ele sentou na cama. A mulher ao telefone disparou, incrédula:

— Ela está pedindo para as pessoas não comprarem.

— Eu vi.

— O livro está há três meses no topo das listas.

— Eu sei.

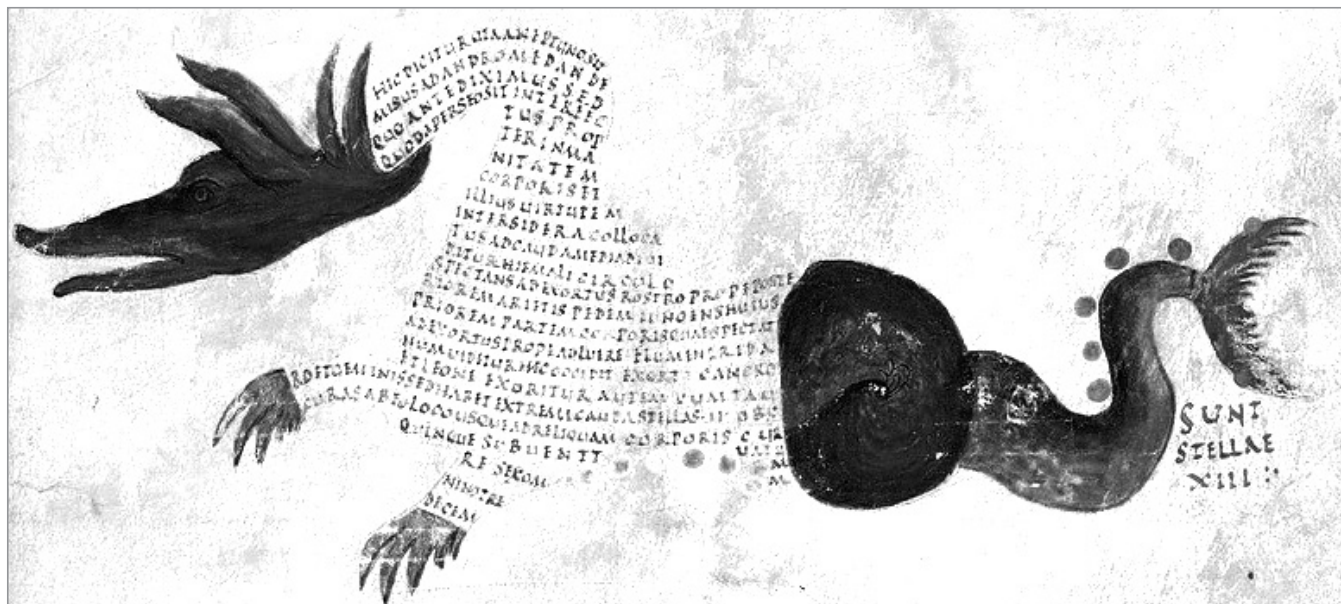
— É o livro mais vendido.

— Eu sei.

— E ela está pedindo para as pessoas não comprarem.

— EU SEI!

Ele levantou e começou a andar pelo quarto. Havia passado 30 anos tentando compreender o mercado editorial. Participara de centenas de reuniões sobre posicionamento, capa, tiragem, estratégia de



lançamento, influenciadores, algoritmos e o misterioso comportamento do leitor brasileiro, que era tratado nas reuniões como uma espécie de animal mitológico que todo mundo dizia conhecê-lo, mas ninguém jamais tinha visto um. E agora aquilo. A autora do maior sucesso da editora estava fazendo campanha contra a própria venda.

A mulher ao telefone voltou a falar:

— Estamos recebendo telefonemas das livrarias.

— O que elas querem?

— Saber se é verdade.

— O quê?

— Se ela realmente quer que as pessoas parem de comprar.

Ele respirou fundo.

— E o que você respondeu?

— Que não sabemos.

— Ótimo.

Ele fechou os olhos e imaginou as vitrines das livrarias “NÃO COMPRE. PEGUE EMPRESTADO” e sentiu uma pontada no peito. Pensou em ligar para o cardiologista. Não ligou. Primeiro precisava sobreviver ao mercado editorial. Abriu novamente o vídeo. Ele ficou olhando para a tela. A palavra *circule* parecia uma ameaça.

— Ela está tentando matar o livro — murmurou.

— Não — disse a mulher — Ela está tentando espalhar o livro.

— É pior.

— Por quê?

Ele olhou pela janela.

— Porque está funcionando.

Naquele momento, o número de visualizações do vídeo passou de dois milhões.

Ele pegou um café.

— As vendas do livro da Tamara subiram 18%.

Ele ficou em silêncio.

— Depois que ela pediu para ninguém comprar.

Ele respirou fundo.

— Isso é bom, não é?

Ele olhou pela janela e pensou durante alguns segundos.

— Não faço a menor ideia.

E desligou.



Rodrigo Geraldi (1982) nasceu e mora em Porto Alegre (RS). É cartunista, escritor, roteirista e proprietário do Zine Bar e Livraria.

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição prorrogada até outubro de 2026!
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições
raras para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com

@museudolivroesquecido

UM ATELIER DE COMUNICAÇÃO

PODCASTS | VIDEOAULAS E
EVENTOS DE BOLSO



ESPAÇO DE IDEIAS

Affife Mansur, 565 - CWB/PR - Novo Mundo
Na Cidade Universitária Santa Cruz Centro Universitário
WhatsApp: 41 99993-4141

Venha nos conhecer:

www.espacodeideias.com.br



Pontos de distribuição do Jornal RelevO (é só chegar e pegar!)

Alagoas
MACEIÓ
Livraria Novo Jardim

Amapá
MACAPÁ
Biblioteca Pública Elcy Lacerda

Amazonas
MANAUS
Kalena Café
O Alienígena da Amazônia
Sebo Édipoeira

Bahia
FEIRA DE SANTANA
SerTão Doce
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
JUAZEIRO
Sebo nas Canelas
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria
Escariz

Ceará
FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
JUAZEIRO DO NORTE
Solaris Sebo

Distrito Federal
BRASÍLIA
Circulares Livraria
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria
Quanto Café
Paradeiro 309

Espírito Santo
ANCHIETA
Lúcia Livraria
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
MARATAÍZES
Marítimo Restaurante e Lounge Bar

SÃO MATEUS
Livraria Sebo & Arte
VITÓRIA
Catraia Livros e Leitura
Cheiro de Livro Sebo

Goiás
GOIÂNIA
Casa Pomar
Livraria Palavrear

Maranhão
SÃO LUIS
Rede Ilha Literária

Mato Grosso
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store

Mato Grosso do Sul
CAMPO GRANDE
Banca Modular
Hámor Livraria
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
Sebo Café Leitura

Minas Gerais
BELO HORIZONTE
Amoras Café
Café CentoeQuatro Editora UFMG
Livraria Casa Literíssima
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café

CÁSSIA
Livraria da Praça
ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris

OURO PRETO
Rena Café

POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural

POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia

SABARÁ
Sou de Minas, Uai

SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural

SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Livraria Café Itatiaia

Taberna D'Omar

SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café

TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes

UBERABA
Lemos & Cruz Livraria

UBERLÂNDIA
Domus Brasilis Livraria

Maru Café Especial

Livraria Plural
Sabiá Livros
Samsara Espaço Esotérico

Pará
BELÉM
Casa Arari Livraria e Cafeteria
Livraria Boiúna
Rede Amazônia Literária

Paraíba
JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café

SOLÂNEA
Binário Café

Paraná
ANTONINA
Livraria da Barca
ARAUÇÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Panificadora EL Grano
Porão Cavalo Baio

CAMBÉ
Espacio La Mezcla

CIANORTE
Café 513

COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava

CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Ao Distinto Cavalheiro
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Asterístico Café
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bar do Dante
Bar Makiolka
Bar Otelo Ben Café
Bar Stuart
Barleria
Biblioteca Pública do Paraná
Bonin Bakery
Botanique Oásis
Brains Coworking
BrauBrau
Café 217
Café Cultura (Cabral)
Café do Canto
Café Degusto
Café Demoiselle
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Encantado
Café Lisboa
Caffé Per Tutti Juvevê
Casa das Bolachas
Casa Luce
Cataia Bar
Centro Portfólio de Fotografia
Coffeeterie
Colégio Medianeira
Cordelo Café
D'House
Dalat Café
EH Brewing CO.
Emily Doces
Empório Kaveh Kanes
Estação Chelsea
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Estúdio Riachuelo
Fabrika Pães & Café
Fingen Café
Five Lab
Floreria Café Bar
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café
Gisele Farias Estética Avançada
Go Coffee Água Verde
Grimm Haus Sebo & Livraria
Hype Brasil
Itiban Comics Shop
Isis Café
Janaino Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
JoyJoy Café
Kaffe-Kantate Cafés Especiais
Klas Café Torrefação & Cafeteria
La Belle Époque
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria do Chain
Livraria Vertov

Love City
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Macro Bar e Pista
Mad Jack Beer Lab
Mafalda Café e Bistrô
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Cafés (Bigorrilho)
Manana Cafés (Centro)
Manekos Bar
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
MoaCoa Café
Nex House
O Pensador
O Próximo Café
Obrigado Pelos Transtornos
Oba Sebo e Livraria
Onça Bêbada
Ópera Arte
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Oz Chocolate
Pão Prosa
Padaria América
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Pátio Café
Provence Boulangerie
Purple Cat
Purple Reis
Quintal do Almirante
R7 Pub
Rango de Planta
ROS Coffee, Wine & Cocktails
Royalty Café
Sala Café Living
Santa Cruz Centro Universitário
Savarin Music
Schnaps Bar
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Comendador
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guaira Comunicação
Teatro José Maria Santos
Telaranha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Tumi Café
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UP Santos Andrade
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Vicafé
Viva la Vegan

FOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar Livraria Kunda

GUARAPUAVA
Gato Preto Discos e Livros

GUARATUBA
Odara Cafés Especiais

LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade

MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
Tamura Café Especial

The Kingdom

MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada

PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria

PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café

PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde

SARANDI
Espaço Musical Roberto Rezende

Pernambuco
PETROLINA
Café de Bule
RECIFE

Borsoi Café
Café Celeste Casa Mendez
Livraria da Praça Livraria do Jardim
Livraria Pó de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez

Piauí
TERESINA
Café Quatro Estações

Rio de Janeiro
BÚZIOS
Maria Maria Café
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura

MACAÉ
Sebo Cultural Livraria & Cafeteria
NITERÓI
Livraria Ponte

NOVA FRIBURGO
Dona Emília Books
Genipapo Livraria

NOVA IGUAÇU
Baixada Literária Comunitária Judith Lacaz

PARATY
Livraria das Marés
Livraria de Paraty
Livraria Muvuca
Mar de Leitores
Montañita Cafés Especiais

RIO CLARO
Empório Rûze

RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Blooks Livraria
Capitu Café Casa 11 Sebo e Livraria
Casa Marx
Jacaré Livros
Livraria Alento
Livraria Berinjela
Livraria Ceci
Livraria e Edições Folha Seca
Manga Rosa Café
Marofa Bar
Patas Café
Pequeno Lab
Solar dos Abacaxis
Triuno Livraria

TRÊS RIOS
Livraria Favorita

VOLTA REDONDA
Beleléu Comics
Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping

Livraria Flamingo

Rio Grande do Norte
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco

PARNAMIRIM
Kave Casa Literária

Rio Grande do Sul
BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria

CANELA
Empório Canela

CANOAS
Pandorga Livros

CAPÃO DA CANOA
Livraria Praiamar

CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café

ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo

GRAMADO
Mania de Ler Bookstore

PELOTAS
Livraria Vanguarda Pelotas

PORTO ALEGRE
Ábaco Distribuidora e Livraria
Brasa Editora Livraria e Bar
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Livraria Paralelo 30
Macun Livraria e Café
Nerdz
Rede Beabah
Sebo Fulô
Sonda Pop Store
Ventura Livros
Via Sapiens Livraria & Editora
Zine Bar & Livraria

RIO GRANDE
Livraria Vanguarda Rio Grande
Livraria Vanguarda Partage Shopping

SANTA CRUZ DO SUL
Livraria e Cafeteria Iluminura

SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM

SANTANA DO LIVRAMENTO
Ponto do Livro

SÃO FRANCISCO DO SUL
Miragem Livraria

Rondônia
CACOAL
Nostalgia Sebo e Livraria
PORTO VELHO
Sebo Entrelinhas
VILHENA
Dom Quixote Livraria

Roraima
BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café

Santa Catarina
BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Acaiaí Café ArtHouse BC
Cápsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo

CAÇADOR
Livraria Selva Literária

CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria

CRICIÚMA
Sebo Alternativo

FLORIANÓPOLIS
O Barbeiro e O Poeta
Sebo Ivete

JOINVILLE
Ambiente Arejado
Casa 97
Koda Café Bistrô
Salvador Vegan Café, Livros e Discos

LAGES
Livraria Sebo Marechal

PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria

SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros

TUBARÃO
Consulato Livraria

VALINHOS
Livraria Armazém

São Paulo
AMPARO
Livraria Maria & Francisca

ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo

BOITUVA
Sebo Bom & Barato

BOTUCATU
Sebo Alfarrábio

CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim

CAMPINAS
Café Arte & Cultura
Coelho Branco Café Secreto

ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Sabiá Discos
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas

COTIA
Livraria 3x4

DIADEMA
Sebo Campanário

FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo

GUARULHOS
Guarulvivos

ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha

ILHABELA
Livraria Canoa Ilhabela

ITATIBA
Livraria Toque de Letras

ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas

JUNDIAÍ
Livraria Leitura

MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha

MONTEIRO LOBATO
Livre Livraria

PENÁPOLIS
Arcana Sebo e Taverna

PIRACICABA
Sebo do Formiga

POÁ
Rara Books Livraria

RIBEIRÃO PRETO
A Degustadora de Histórias
Livraria da Travessa Ribeirão

SANTOS
Livraria Sol e Lua
Realejo Livros

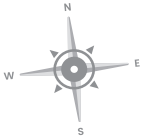
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira

SÃO BERNARDO DO CAMPO
Mandú Café

SÃO CAETANO DO SUL



5 PAÍSES
136 CIDADES
452 PONTOS



Casa das Ideias
SÃO CARLOS
Livraria EDUFSCAR

SÃO JOÃO DA BOA VISTA
Bonnie Book Livraria & Café
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Livraria Mantiqueira
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto

SÃO PAULO
A Banca de Livros
Antroposófica Editora e Livraria
Banca Tatui
Bar Balcão
Bibla
Boutique dos Livros
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Caledônia Whisky & Co
Casa Brasília
Casa Cosmos
Casa de Livros
Cidade de Papel
Circulo Livraria
Clarice Café & Cozinha
Coffee Lab
Comix Book Shop
Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas
Espaço Sophia
Flanarte Livraria
Instituto Sarath
La Librería
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraibas
Libreria Española e Hispanoamericana
Livraria da Tarde
Livraria das Perdizes
Livraria Footnoir
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria Tutear
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
LiteraSampa - IBEAC
Lop Lop Livros
Mi&Mo Gato Café
Mundos Infinitos
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
Nigra Koro Distro
O Bode Quirino Café e Livraria
O Café da Ponta
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
Sebo Tucambira
Sebusp Livros
Selecta Livros
Siriema Coffee Roasters
Sissi Café Secreto
sobinfluência
UGRA PRESS

VINHEDO
Sebo Vinhedo

Sergipe
ARACAJU
Livraria Escariz

Tocantins
PALMAS
Sebo da Vovó

Além das fronteiras
ESSEN (ALEMANHA)
Pension Pötters
PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)
Tao Librería de Iguazú
LETICIA (COLOMBIA)
CUBO Blanco Galería de Arte & Café Cultural
RIVERA (URUGUAI)
Eclipsamor Libros

MATEUS
RIBEIRETE

MATHEUS
CAMARGO

VICTORIA
POLETTO

ALINE
MARQUES

FILIPPE LIMA
BRITO

Direção de
CASSIO DE OLIVEIRA

O que acontece quando
o RH precisa solucionar
um problema?

